WWW.AVENTURASNAHISTORIA.COM.BR

AVENTURAS NA HISTÓRIA

ESPECIAL

PERFIL

55 ANOS SEM

COCO CHANEL

ESTILISTA DESTRUIU O ESPARTILHO PARA INVENTAR A MULHER MODERNA

- A INVENÇÃO DO CHANEL Nº 5
- O LADO B DO LUXO
- A VIDA SECRETA DA ESTILISTA

Presidente
Luis Fernando Maluf

Diretor Editorial:
Ademir Corrêa

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Edição:
Thiago Lincolins

Edição de arte:
Marli Miler

Revisão:
Hellen Ribeiro

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

ESPECIAL

A MODA SEGUNDO *Coco Chanel*

ESTILISTA DESTRUIU O ESPARTILHO
PARA INVENTAR A MULHER MODERNA

SÃO PAULO
EDITORA PERFIL
2026

REVOLUÇÃO Chanel

Há 55 anos, Gabrielle Chanel se despedia do mundo, mas não do imaginário. Poucas pessoas na História transformaram a moda com tanta força. Chanel rompeu com a rigidez que apertava o corpo e a rotina feminina, trocando excessos por linhas mais leves, tecidos confortáveis e uma elegância possível no cotidiano. Ao fazer da simplicidade uma assinatura, ela ajudou a tornar o vestir um gesto de autonomia: menos imposição, mais liberdade; menos ornamento, mais presença. Mas nem o tamanho desse impacto livra seu nome das sombras. A história também cobra seus capítulos controversos, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando seu papel e suas escolhas permanecem alvo de debate, lembrando que genialidade não é salvo-conduto moral. Nesta edição especial da AVENTURAS NA HISTÓRIA, revisitamos Coco por inteiro: a criação do Chanel Nº 5, um perfume que virou febre; a origem curiosa de seu apelido icônico; crimes que marcaram o universo da moda e revelam sua face mais cruel; o grande amor que atravessou a trajetória da estilista; a influência dela no cinema e, ainda, uma leitura essencial: como a moda explica a história, refletindo desejos, conflitos e mudanças de cada época. Entre ateliês, tecidos e polêmicas, Chanel segue um espelho do século. Uma mulher que desafiou regras, mas também foi atravessada por contradições. Nesta edição, a moda não surge como detalhe, mas como documento vivo.

Thiago Lincolins | Editor

SUMÁRIO

Coco Chanel desfilando com um *tailleur* Chanel na Rue Faubourg Saint-Honoré, em Paris, 1929

Gabrielle Chanel e Serge Lifar, 1937

16 **CAPA**
A trajetória da estilista que entrou para a História ao libertar as mulheres do espartilho

6 **GALERIA**
As invenções marcantes de Gabrielle

12 **DÚVIDA CRUEL**
De onde vem o apelido 'Coco'?

14 **VIDA ÍNTIMA**
O trágico fim do grande amor de Chanel

28 **LIBERDADE**
Como a estilista libertou as mulheres com as calças

30 **INVENÇÃO**
O perfume que eternizou Marilyn Monroe e vende como água

32 **PIONEIRAS**
Para além de Chanel: o legado de outras mulheres na moda

36 **LADO B**
A controversa ligação da estilista com os nazistas

40 **CURIOSIDADES**
Os escândalos por trás de outras grifes famosas

44 **LEGADO**
O impacto de Chanel nas telonas

46 **REPORTAGEM**
A moda como espelho do seu tempo

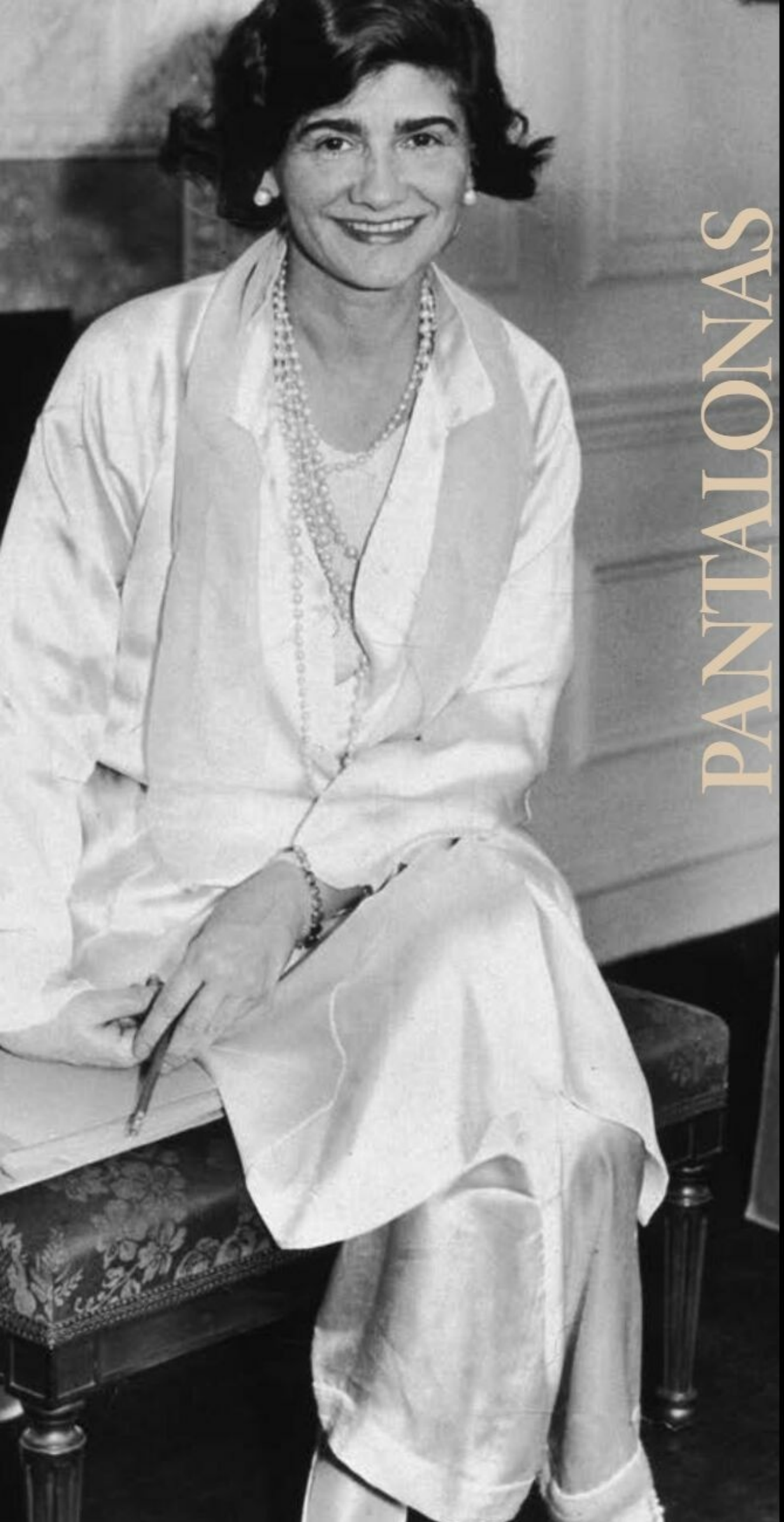
50 **CULTURA**
A trajetória de Gabrielle em livros, filmes, séries e podcast

52 **MEMÓRIA**
A lenda por trás do terno de Jacqueline Kennedy

NO PODCAST SEMANAL DA AVENTURAS NA HISTÓRIA VOCÊ ACOMPANHA OS PRINCIPAIS ASSUNTOS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNDO E DO BRASIL AO LONGO DOS SÉCULOS. AVENTURE-SE!

AS CRIAÇÕES *de Mademoiselle* COCO

MESMO 55 ANOS APÓS A SUA MORTE, GABRIELLE CHANEL CONTINUA VESTINDO GERAÇÕES DE MULHERES **POR THIAGO LINCOLINS**



PANTALONAS

NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1920, a moda feminina passou por uma virada decisiva graças à ousadia de Coco Chanel. Em um tempo em que o vestuário reforçava ainda mais distinção entre os gêneros, Gabrielle questionou a ideia de que certas peças deveriam ser exclusivamente masculinas. Ao adotar as calças como parte de seu próprio estilo, ela não apenas provocou estranhamento, mas abriu caminho para uma nova forma de pensar o vestir feminino. As pantalonas surgiram como símbolo dessa ruptura. Usadas de maneira despojada, contrariavam expectativas e ofereciam algo até então raro: liberdade de movimento aliada à elegância. Chanel compreendeu que as mulheres de seu tempo já não viviam presas a vestidos pomposos. Elas circulavam pela cidade, praticavam esportes, trabalhavam e desejavam roupas compatíveis com essa realidade. A calça deixou, assim, de ser sinal de transgressão para se tornar autonomia. Quase um século depois, o gesto de Chanel segue atual. As pantalonas continuam presentes no guarda-roupa contemporâneo como herança direta dessa escolha irreverente, que transformou moda em expressão de liberdade e modernidade.

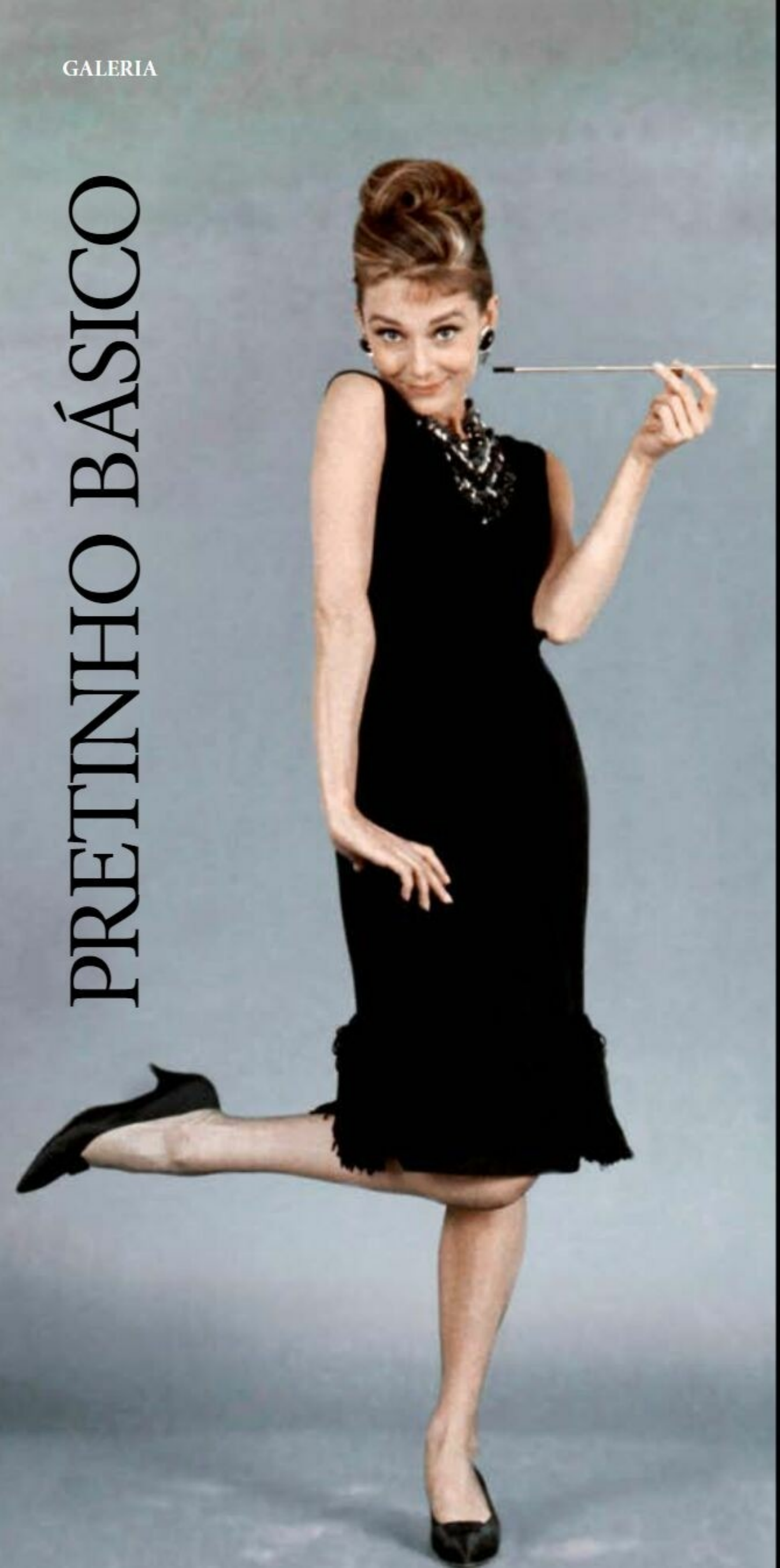
SAPATOS BICOLORES

O SAPATO BICOLOR SINTETIZA como Gabrielle Chanel pensava o vestir feminino: funcional, elegante e livre de excessos. Embora tenha sido lançado oficialmente em 1957, o modelo já fazia parte de seu repertório pessoal desde 1937, quando apareceu em versões exclusivas em preto e branco usadas pela própria criadora. O sapato de dois tons nasceu para completar um guarda-roupa coerente, capaz de acompanhar a mulher do início da manhã ao fim do dia. Nada naquele desenho era casual. O bege do corpo do sapato foi pensado para esticar visualmente as pernas, enquanto a ponta preta cumpria dupla função: encurtar o pé e disfarçar os sinais naturais do desgaste. O salto baixo garantia estabilidade e conforto, rompendo com a lógica dos calçados desconfortáveis impostos às mulheres até então. A proposta chamou atenção das clientes da *maison*, como Romy Schneider (*na imagem*) e rapidamente se espalhou.

TAILLEUR

ENTRE AS MUITAS INOVAÇÕES ATRIBUÍDAS A CHANEL, POUCAS FORAM TÃO DETERMINANTES QUANTO A INTRODUÇÃO DO *TAILLEUR* DE *TWEED* no vestuário feminino. A criação não surgiu do desejo de ornamentar, mas da intenção de repensar a relação entre roupa e corpo. Chanel observava atentamente o modo como os homens se vestiam e percebeu, naquele universo, soluções práticas que poderiam ser adaptadas às mulheres sem comprometer elegância ou identidade. O *tweed*, tecido até então associado quase exclusivamente à aristocracia britânica masculina, era valorizado por sua resistência, conforto e durabilidade. Usado em trajes de caça e lazer da corte inglesa, ele estava longe dos salões parisienses e, sobretudo, distante do guarda-roupa feminino. O *tailleur* criado por Chanel combinava casaco e saia no mesmo tecido, formando um conjunto coerente, pensado para acompanhar o movimento do corpo feminino ao longo do dia. Diferente das roupas estruturadas e restritivas que dominavam a moda da época, a proposta priorizava fluidez, leveza e liberdade. Chanel vestia mulheres que circulavam, trabalhavam e ocupavam espaços antes inacessíveis.

PRETINHO BÁSICO



DURANTE O INÍCIO DO SÉCULO XX, A PRESENÇA DO PRETO no vestuário feminino carregava significados rígidos e pouco convidativos. Tratava-se de uma cor associada quase exclusivamente ao luto ou aos uniformes de trabalho doméstico, distante de qualquer ideia de elegância ou protagonismo social. Foi nesse cenário que Coco Chanel promoveu uma das viradas mais radicais da história da moda ao apresentar um vestido preto de linhas depuradas, livre de adornos, aplicações ou excessos decorativos. O impacto não se deu apenas pela escolha cromática. O comprimento, que deixava os joelhos à mostra, e o corte direto contrariavam frontalmente os códigos de feminilidade vigentes. Embora Coco tenha introduzido o vestido preto como peça essencial, foi Audrey Hepburn quem o transformou em símbolo pop. Em *Bonequinha de Luxo*, de 1961, a atriz eternizou o modelo ao surgir com uma criação assinada por Hubert de Givenchy, redefinindo elegância para o cinema e para a moda. Com aquela imagem, o vestido deixou de ser apenas funcional para se tornar símbolo de sofisticação. O cinema, mais uma vez, ampliava o alcance de uma ideia criada no ateliê.

PÉROLAS FALSAS

ANTES DA VIRADA PROPOSTA POR COCO CHANEL, AS JOIAS FUNCIONAVAM COMO MARCADORES DE POSIÇÃO SOCIAL. Colares, brincos e pulseiras não eram vistos apenas como objetos, mas como símbolos de riqueza reservados a elite, enquanto o restante das mulheres permanecia à margem desse universo. Esse cenário entrou em conflito com as transformações econômicas provocadas pela Grande Depressão. Em meio à escassez e à revisão de valores, Chanel percebeu que o luxo tradicional já não dialogava com o seu tempo. Foi nesse contexto que surgiram seus colares de pérolas falsas, uma escolha que contrariava frontalmente a lógica vigente da joalheria – e irritou joalheiros. Ao substituir a raridade pela abundância, a estilista questionou a ideia de que o valor de um adorno estivesse exclusivamente ligado ao seu preço ou à sua origem. Para Chanel, as joias deveriam ser usadas com liberdade. Suas criações propunham camadas generosas de pérolas artificiais, muitas vezes combinadas a peças verdadeiras. Essa tendência foi eternizada em um dos figurinos mais marcantes da atriz Anne Hathaway no filme *O Diabo Veste Prada*, lançado em 2006.

POR QUE GABRIELLE CHANEL RECEBEU O APELIDO "COCO"?

Elegância que marcou gerações: Coco Chanel, em 1944

UMA DAS MAIORES ESTILISTAS DE TODOS OS TEMPOS, A FRANCESA FICOU MARCADA NA HISTÓRIA SOB SUA ALCUNHA

POR ISABELA BARREIROS

Precursora do minimalismo e do estilo casual, Gabrielle Chanel marcou seu nome na história como "Coco". Uma das mais importantes estilistas da história, ela libertou mulheres de estigmas impostos pela sociedade ao criar peças de roupas modernas, com cortes e detalhes mais sutis que os espartilhos que vinham apertando-as por tanto tempo.

A importância de Coco para a moda pode ser observada por sua relevância incontestável mesmo após 55 anos de sua morte. Sua marca homônima popularizou um modo de vestir mais elegante e simples, com calças femininas e o famoso pretinho básico, e expandiu para além de roupas: joias, bolsas, perfumes e maquiagem são alguns dos produtos vendidos ainda hoje. Uma reinvenção que mudou a sua própria realidade, mas também a de muitas mulheres. Coco Chanel não teve uma vida fácil. Filha de Eugénie Jeanne Devolle, uma lavadeira, e de Albert Chanel, um vendedor ambulante de roupas, ela foi colocada pelo pai em um orfanato aos 12 anos de idade, onde passou sua adolescência junto à irmã.

A instituição obrigava a menina a ter uma rotina rigorosa, acompanhada de uma disciplina rígida que a limitava em muitos aspectos. Mas viver no local a ensinou a habilidade mais importante de sua vida: foi no orfanato que a futura estilista aprendeu a costurar. Buscando independência, Gabrielle deixou o lugar e se mudou para a região de Moulins, na França, onde passou a morar em uma pensão feita para meninas católicas. Foi naquele momento que ela começou a trabalhar como empregada doméstica e cantora em um cabaré nas proximidades.

QUI QU'A VU COCO

Como lembra Laura Wie, especialista em História da Moda, a futura estilista ficou conhecida no cabaré por sempre cantar a música *Qui Qu'a Vu Coco* durante suas performances, em que constantemente fazia apresentações para oficiais da cavalaria francesa, por volta de 1905. Segundo a especialista, essa música lhe rendeu o apelido "Coco", que significa "querida". Ao se tornar famosa no cabaré, por conta da música, começou a ser chamada de "Coco", palavra que transformou em nome. Com a nova assinatura, marcou o mundo sob a alcunha de Coco Chanel.

O cabaré também fez com que a moça conhecesse Etienne Balsan, rico herdeiro francês e socialite que a ajudou a vender chapéus. Anos depois, ela abriu um ateliê e, num tempo curto, começou a ganhar fama como estilista, reconhecimento que só cresceu ao longo de sua história.

IMAGENS GETTY IMAGES/WIKIMEDIA COMMONS

O RELACIONAMENTO QUE ACOMPANHOU A ASCENSÃO DE GABRIELLE CHANEL E MARCOU A SUA TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL

POR THIAGO LINCOLINS

Ao contar a trajetória de Coco Chanel, é impossível separar sua ascensão criativa de uma história de amor que marcou de forma definitiva sua vida e sua obra. No início do século XX, antes de se tornar sinônimo de elegância, Gabrielle Chanel vivia de apresentações em cafés e cabarés. Foi nesse ambiente, em Moulins, na região de Allier, que seu destino começou a se transformar ao cruzar com Étienne Balsan, oficial da cavalaria e criador de cavalos de corrida, figura influente nos círculos equestres e sociais da época.

A relação com Balsan levou Chanel a frequentar centros renomados ligados ao universo dos cavalos, espaços até então distantes de sua realidade. Essa imersão representou uma abertura para a aristocracia da época. Foi nesse contexto que ela entrou em contato com Arthur "Boy" Capel, empresário inglês e jogador de polo. Capel não apenas se apaixonou por Chanel, como reconheceu, desde cedo, sua singularidade e potencial criativo.

Chanel já se destacava por uma postura que contrariava frontalmente as convenções femininas. Em um meio rigidamente marcado por regras de etiqueta, ela se recusava a montar de lado e adotava calças para cavalgar (como você verá com mais detalhes adiante), gesto ousado e praticamente impensável para mulheres elegantes daquele período. Essa liberdade de Coco logo chamaria atenção de Boy Capel, que a encorajou a desenvolver seu senso estético e a investir no talento que demonstrava, especialmente na criação de chapéus.

Enquanto Étienne Balsan lhe ofereceu apoio inicial e um espaço no Boulevard de Malesherbes, onde Chanel pôde estruturar sua primeira chapelaria, foi Capel quem lhe deu as condições para avançar de forma decisiva. Convicto de sua capacidade, emprestou-lhe os recursos necessários para o início de sua trajetória de sucesso. Com o apoio financeiro do amado, conseguiu abrir sua chapelaria em 1910.

Ao lado de Capel, descobriu Deauville e ali abriu sua primeira butique com roupas esportivas, ampliando a chapelaria para um vestuário mais funcional, sem espartilhos, em sintonia com uma nova forma de viver. "Ela oferecia roupas esportivas em linha simples para as mulheres, confeccionadas em um tecido maleável que ela adorava da roupa de baixo de seu amante. Foi assim que Chanel popularizou o [tecido] jérsei", destaca a especialista em História da Moda Laura Wie.

A relação entre amor e criação, entretanto, nunca significou dependência para Gabrielle. "Embora tenha recebido apoio financeiro de Boy Capel no início, que a ajudou a abrir sua chapelaria parisiense em 1910 e a butique em Deauville em 1912, Gabrielle fez questão de lhe reembolsar cada centavo. Uma questão de princípio, bem como quase um instinto de sobrevivência: não depender de ninguém, jamais, e permanecer livre a todo custo", explica a biografia da estilista no site oficial da Chanel.

A história dos dois, no entanto, teve um desfecho abrupto. Após um casamento de conveniência com Diana Lister, em 1918, Boy Capel morreu em um acidente de carro em dezembro de 1919. Chanel, profundamente abalada, encontrou no trabalho seu principal refúgio. Recolhida em Garches, transformou a dor em impulso criativo.

Coco Chanel ao lado de Arthur "Boy" Capel em Saint-Jean-de-Luz (1917)

ROMANCE MARCADO PELA TRAGÉDIA

CAPA

A MULHER QUE LIBERTOU O CORPO FEMININO

COMO GABRIELLE CHANEL ROMPEU COM OS ESPARTILHOS, REINVENTOU O GUARDA-ROUPA MODERNO E TRANSFORMOU A MODA EM UMA FERRAMENTA DE INDEPENDÊNCIA POR THIAGO LINCOLINS

Coco Chanel, em Londres, por volta de 1938

No começo do século XX, vestir-se era quase um exercício de resistência para muitas mulheres. Espartilhos extremamente apertados comprimiam o corpo, enquanto vestidos volumosos, carregados de tecido e babados, transformavam um simples deslocamento em tarefa difícil. Por baixo das saias, as anáguas ampliavam ainda mais a estrutura das peças, tornando a ideia de se movimentar com leveza praticamente impossível. A moda parecia exigir rigidez, excesso e desconforto como prova de elegância. Até os chapéus seguiam essa lógica: eram enormes e ornamentados com plumas, rendas e flores. Foi diante desse cenário que uma francesa chamada Gabrielle Chanel passou a agir na contramão. Em vez de aceitar o exagero como regra, ela escolheu cortar o que parecia exagerado. A partir dessas escolhas, Coco não apenas redefiniu a estética do seu tempo como abriu caminho para uma moda mais prática, livre e consciente do corpo feminino. O que antes era sinônimo de excesso passou a ser substituído por peças que valorizavam movimento, simplicidade e elegância sem esforço. Décadas depois, essa influência ainda vive no guarda-roupa de milhões de mulheres de diferentes países. E talvez o detalhe mais surpreendente seja lembrar que essa visão sofisticada começou longe dos salões parisienses. Antes de virar revolução, foi aprendizado: o talento que conquistaria o mundo nasceu do gesto de costurar em um convento.

INFÂNCIA DOLOROSA

Gabrielle Chanel nasceu em 1883, em uma França profundamente marcada pela tradição católica. Diferentemente do que muitos imaginam, sua chegada ao mundo não foi cercada por conforto ou estabilidade. Ela veio à luz em um abrigo, em meio a uma realidade dura. Foi a segunda criança de uma família numerosa que cresceria rapidamente. Na certidão de nascimento registrada em Saumur, em um hospital destinado a indigentes, consta que em 19 de agosto de 1883 nasceu uma menina, filha de Jeanne Devolle, então com 19 anos, e Albert Chanel, de 27. A formalidade, porém, escondia um fato: o pai não estava presente. "A assinatura do pai está ausente tanto no registro quanto na certidão de nascimento da criança. Albert foi registrado como 'viajando' e Jeanne estava fraca demais para comparecer. Com nenhum dos pais presente, o nome da criança foi escrito errado e ficou 'Chasnel' em vez de 'Chanel'", explica Lisa Chaney no livro *Coco Chanel: An Intimate Life* ("Coco Chanel: Uma Vida Íntima"). Ao todo, foram seis filhos, numa rotina que se desenrolava de forma precária em Brive-la-Gaillarde. O pai, vendedor ambulante que cruzava cidades oferecendo fitas, agulhas, linhas e rendas, não prosperou. Entre viagens, instabilidade e vícios, sua presença era mais um sinal de turbulência do que de amparo. A casa era tomada por dificuldades constantes, e Gabrielle cresceu cercada por pobreza e improviso, uma realidade que mais tarde tentaria negar, explica a série documental *Coco Chanel: Unbuttoned*. A mãe, enfraquecida por sucessivas gestações, morreu cedo, possivelmente vítima de exaustão e pneumonia, deixando os filhos sem nenhuma base sólida. Gabrielle tinha apenas 11 anos quando perdeu Jeanne, fato que mudou por completo o seu destino. Sem acesso regular à escola e sem perspectivas claras, as crianças foram separadas. O pai encaminhou as filhas ao Convento de Aubazine, que mantinha um orfanato ligado à Congregação do Sagrado Coração de Maria, criado justamente para acolher pobres, rejeitados e meninas abandonadas. O retorno do pai, prometido como certo, nunca aconteceu. Julie, Gabrielle — então com 12 anos — e Antoinette permaneceram onde haviam sido deixadas, sem qualquer sinal de retorno

Madre Marie Gonzague posa com crianças hospedadas na abadia (foto: cortesia)

do patriarca. Com o tempo, foram criadas sob a disciplina e o cotidiano do convento, onde a pequena aprendeu a costurar. Mais tarde, ela ainda chamaria aquelas freiras de "tias", como se tentasse suavizar o seu passado. Após a morte de Jeanne, a história de Gabrielle se perde em registros imprecisos e versões que nem sempre se confirmam entre si. Ela mesma passou a criar diferentes histórias sobre sua infância, omitir fatos se tornou quase que uma obsessão para a estilista. "Ao longo de toda a vida, Gabrielle permaneceria consciente e reservada sobre suas origens. De fato, circulavam rumores de que ela pagou a alguns familiares e pessoas próximas para não falarem sobre seu passado e que negociou a destruição de certos documentos. Seja qual for a verdade, embora não tenha conseguido ocultá-lo por completo, ela foi bem-sucedida em disfarçar sua vida inicial. Ao fazer isso, não apenas censurou o período mais formativo de sua história, como também tentou apagar a sua própria versão inicial", escreve Chaney no livro. O período no orfanato, entretanto, parece ter inspirado a visão da futura estilista. "É tão óbvio de onde vem a estética da Chanel. O preto e branco, que é tão famoso, era o que as freiras vestem. Um colar de pérolas é como um rosário, sabe? Que você segura como um apoio, talvez. Então, sim, você pode perguntar por que ela esconde tudo isso. Mas ela não esconde. Tudo é revelado nos designers dela. E a moda não tem nenhum poder sem ter uma essência verdadeira. E existe uma essência verdadeira na infância de Chanel", reflete Justine Picardie, autora de *Coco Chanel: The Legend and the Life* (" Coco Chanel: A Lenda e a Vida") na série documental.

Coco Chanel retratada antes de 1914, em imagem colorizada

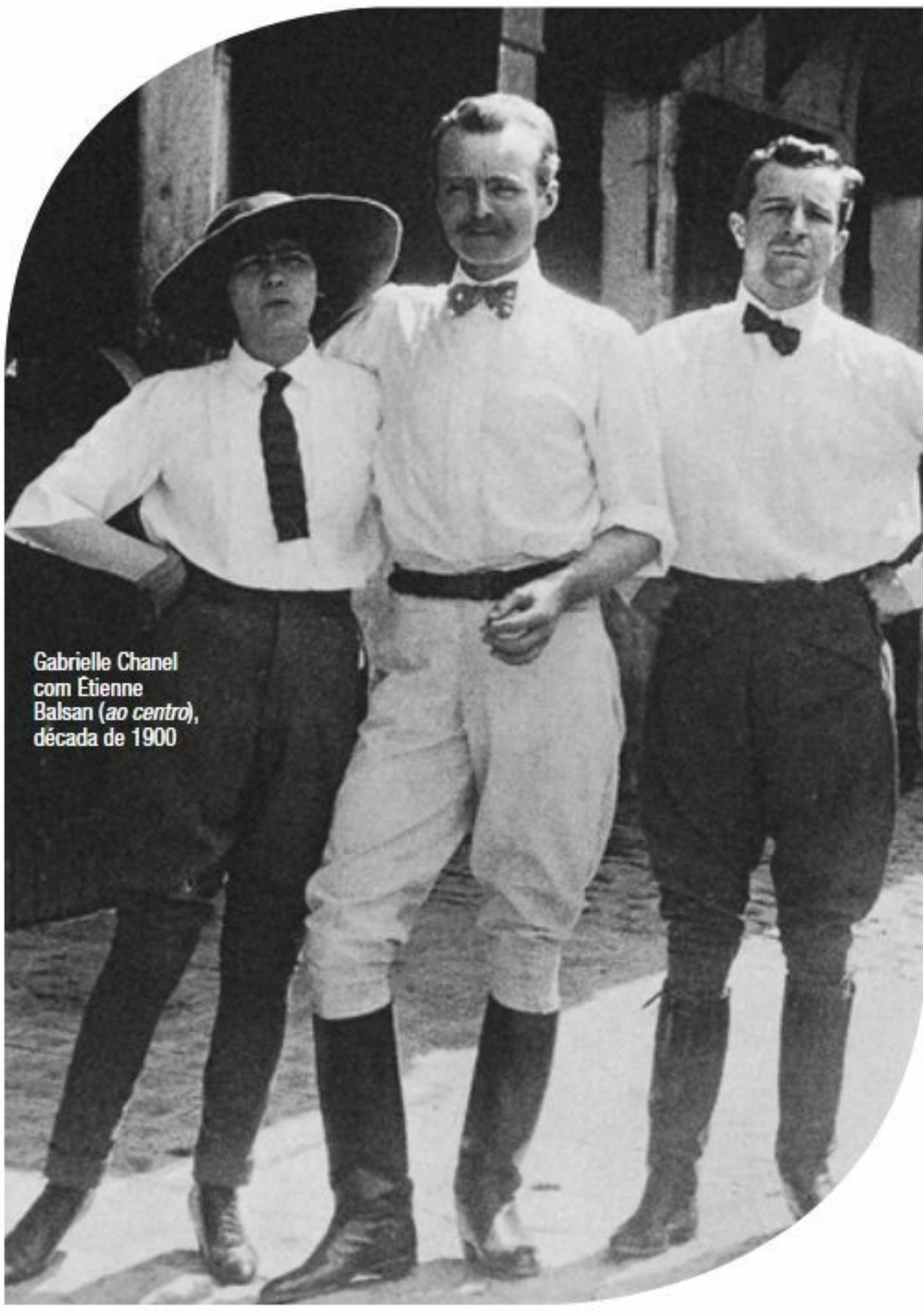
NASCE 'COCO'

Aos 18 anos, Gabrielle, por meio de uma bolsa de estudos, conseguiu uma vaga no internato Notre-Dame, em Moulins. Quando deixou a escola, a madre superiora ajudou a encaminhá-la, junto da irmã Antoinette, para trabalhar como costureira em uma loja de tecidos da cidade. Foi ali, entre linhas, ajustes e encomendas, que ela começou a circular por um ambiente novo, já que Moulins abrigava diversos regimentos militares. Esses encontros com oficiais do Exército se somaram a outra experiência decisiva: Gabrielle também se apresentava cantando em concertos para os quartéis locais. No repertório, havia uma canção chamada *Qui Qu'a Vu Coco?* (" *"Quem viu a Coco?"*), sobre uma jovem que perde o cachorro em Paris, e que acabaria fixando em Gabrielle um apelido que atravessaria o mundo. Aos poucos, a jovem costureira se transformava na personagem que o século conheceria. No verão de 1901, ela passou um período em Vichy, na companhia do avô. Foi assim que ela conheceu o oficial de cavalaria Étienne Balsan, que se tornaria seu amante e a ponte definitiva para um mundo ainda desconhecido. Ele percebeu o talento que ela tinha para a chapelaria e a incentivou a transformar criatividade em trabalho. "Ela usou o apartamento dele em Paris como ateliê, recebendo amigas e conhecidas, e se deu muito bem. Porque essas mulheres se tornaram imediatamente clientes. Isso foi no ano de 1909", explica a especialista em história da moda Laura Wie. Em 1910, Gabrielle viveu momentos turbulentos: sua irmã Julia morreu e deixou um menino de apenas 6 anos, André. Por muito tempo, circularam versões dramáticas sobre essa morte, inclusive a ideia de que teria sido um suicídio. No entanto, pesquisas posteriores indicaram que Julia faleceu em Paris. A presença do garoto, desde cedo, passou a alimentar novas especulações. Não por acaso, muitos chegaram a afirmar que ele seria filho dela — e não de Julia.

MADEMOISELLE CHANEL

Ao longo da juventude, Coco Chanel viveu diversos relacionamentos, mas poucos deixaram marcas tão profundas quanto Arthur "Boy" Capel. Entre todos os amantes, ele foi o mais influente, não apenas pelo vínculo afetivo, mas por ampliar o horizonte cultural que moldaria a estilista. Foi com Capel que Chanel aprofundou sua inclinação anglófila, absorvendo referências britânicas que passariam a aparecer tanto em suas ideias quanto no modo de vestir. Ao conhecê-la, percebeu que Gabrielle precisava de espaço para criar e a encorajou a seguir o caminho que já começava a despontar: a chapelaria. Em meio ao clima social que antecedia 1914, Chanel observava o fascínio daquele universo masculino ligado ao campo, com calças de montaria, jaquetas de caça e botas que sugeriam sobriedade e domínio. Ela via ali não apenas glamour, mas uma postura: homens que se moviam com segurança dentro

de roupas feitas para existir, e não para exibir fragilidade. O que a atraía era essa sensação de autonomia, que ela desejava reivindicar para si e para outras mulheres. Em vez de reproduzir o figurino tradicional das silhuetas aprisionadas, Chanel fez o oposto: passou a se vestir com peças inspiradas nos trajes dos homens ao seu redor. "Depois de transformar os chapéus, Chanel cortou os cabelos na altura do queixo, que é o nome dado até hoje a esse corte elegante e prático que a gente usa, e começou a usar as roupas do namorado, criando, a partir de elementos do guarda-roupa masculino, maneiras novas para as mulheres se vestirem. Essa atitude transgressora, no primeiro momento, é claro que causou o maior furor na sociedade francesa. Mas, aos poucos, esse furor foi se transformando em tendência", destaca Laura Wie. Foi por influência de Boy Capel que Chanel seguiu para Deauville, passou a conviver com um público feminino exigente e elegante. As clientes que chegavam à cidade não buscavam apenas chapéus: precisavam de roupas prontas, bem-feitas. Com poucos recursos, Chanel improvisou, transformando suas modistas em costureiras para dar conta da demanda. Para Capel, ela não era somente uma amante, mas alguém com visão rara para negócios, capaz de enxergar oportunidade onde outros viam limite. Ao financiar sua primeira loja, ele ajudou a abrir espaço para uma proposta que se impôs quase naturalmente: simplicidade, conforto e uma elegância limpa. Em Deauville, a butique de Chanel, inaugurada em 1912, se tornou o palco onde suas primeiras roupas realmente ganharam forma e público, especialmente as peças feitas em jersey. "Ela olhou para as roupas íntimas masculinas e realmente viu o valor de um tecido que antes era visto como um material bastante humilde. E ela foi radical nisso, porque o jersey não era visto como um tecido para as fashionistas usarem", explica Oriole Cullen, autora do livro *Coco Chanel* e curadora do acervo do Victoria and Albert Museum (V&A), em Londres. Ao observar a roupa íntima masculina, Chanel identificou um valor que ninguém parecia enxergar e fez disso uma aposta ousada. Assim nasceu a Mademoiselle Chanel. "Ela perpetrou uma revolução da moda em uma sociedade que via as mulheres como acessórios bonitos e cheios de babados, e ela se apresentava como um homem, em muitos aspectos como um andrógino", destaca Valerie Steele, diretora e curadora-chefe do The Museum at FIT (Fashion Institute of Technology). Em 1918, Chanel deu um passo decisivo ao adquirir sua primeira propriedade na Rue Cambon, em Paris, endereço que se tornaria parte central de sua história. Com o tempo, o comércio floresceu a ponto de ela expandir suas posses no mesmo local. Ao longo dos anos, a estilista chegou a reunir cinco propriedades na rua.



Gabrielle Chanel com Étienne Balsan (*ao centro*), década de 1900

Terno Jersey, modelo de Gabrielle Chanel, publicado na revista *Les Élégances Parisiennes*, março de 1917

Close up de uma modelo segurando um frasco do perfume Chanel Nº 5 em 1964

Modelo com colares Chanel de pérolas, 1959

INVENÇÕES MARCANTES

Em 1921, Coco foi responsável por uma criação destinada a atravessar o século: o Chanel nº 5. Para tornar possível o lançamento, recorreu a uma parceria estratégica que mudaria o destino da fragrância. Ela se associou aos irmãos Paul e Pierre Wertheimer, nomes ligados ao setor de cosméticos e responsáveis pela Bourjois. "Gabrielle ficou com 10% do negócio. Os irmãos Wertheimer, com 70% e um dos fundadores da Galeries Lafayette, Théophile Bader, que apresentou Coco aos empresários, 20%. Porém, ninguém esperava tanto sucesso, e ela foi ficando ressentida com a divisão", explicou a historiadora Marissa Gorberg ao jornal *O Globo*. Para alcançar a fragrância ideal, o químico Ernest Beaux trabalhou com um conjunto impressionante de cerca de oitenta substâncias e, ao final, apresentou oito versões diferentes. Chanel escolheu a quinta amostra, decisão que batizou o perfume e estabeleceu uma assinatura. "Chanel foi a primeira a descobrir que se ela colocasse o nome dela em um perfume, e ninguém havia feito isso antes, seria uma forma de dizer 'você está comprando uma parte de mim, espalhe a minha vida, espalhe esse perfume, entre na minha atmosfera", explica Rhonda Garelick, autora de *Mademoiselle: Coco Chanel and the Pulse of History (" Coco Chanel e o Pulso da História")*. Poucos anos depois, outro marco consolidou esse repertório: surgiu o vestido preto de crepe, ou 'pretinho básico', que Chanel defendia como item indispensável no armário de qualquer mulher. A proposta, porém, causou hesitação. Muitas clientes estavam acostumadas a adquirir peças quase únicas e desconfiavam de um modelo tão limpo, aparentemente fácil de copiar. Coube à edição americana da *Vogue* fazer a defesa perfeita: comparou o vestido a um Ford, lembrando que a repetição não diminuía seu valor, mas funcionava como prova de qualidade. Chanel também exibia suas manequins com colares de pérolas falsas e bijuterias de impacto, no tempo em que as mulheres ainda consideravam obrigatório ostentar pedras preciosas para parecerem refinadas. Mademoiselle inverteu a lógica e cravou uma regra própria: o falso e o verdadeiro podiam coexistir sem culpa, desde que o resultado fosse estilo. "Ela é, de certa forma, a precursora da indústria de joias,

Retrato das bailarinas em apresentação do balé *Le Train Bleu*, baseado em obra de Jean Cocteau. Os figurinos foram desenhados por Coco Chanel

GRANDES CONEXÕES

À medida que sua fama crescia, Coco Chanel passou a frequentar um círculo de artistas e criadores que definia o pulso cultural da Europa. Entre os amigos que reuniu ao longo da vida estavam o pintor espanhol Pablo Picasso e o bailarino russo Vaslav Nijinsky. Nesse universo, uma presença constante foi Misia Sert, confidente explosiva e influente, lembrada também por um suposto relacionamento amoroso escandaloso com Chanel e por circular com naturalidade pelo meio artístico. Misia, que já havia sido modelo de Pierre-Auguste Renoir, funcionava como ponte viva entre salões, bastidores e vanguardas. Chanel, por sua vez, não era apenas observadora desse mundo: ela atuava como mecenas, aliada e suporte emocional de quem estava ao seu redor. O poeta Jean Cocteau, por exemplo, encontrou nela ajuda concreta em diferentes momentos, incluindo sucessivos tratamentos para enfrentar o vício em ópio. Quando a falta de dinheiro ameaçou engoli-lo, foi Chanel quem garantiu uma mesada que o acompanharia até o fim da vida, em 1963, aos 74 anos. A mesma capacidade de transformar relações em vínculos duradouros apareceu na história com o compositor russo Igor Stravinsky: houve um romance breve e, depois, a amizade. "É realmente interessante quando você pensa que ela começa como uma jovem que não tem nada, que depende dos homens, e que então, em 1920, ela está apoiando os homens. Existem vários grandes escritores, artistas e músicos que teriam morrido de fome sem ela", destaca Justine Picardie, autora de *Coco Chanel: The Legend and the Life* na série documental *Coco Chanel: Unbuttoned*. No entanto, apesar de tantas conexões fascinantes, Chanel também carregou perdas difíceis. A mais dolorosa foi o óbito de Arthur Capel, figura decisiva em sua vida, cuja morte deixou um vazio que nenhuma companhia conseguiu preencher completamente.

Modelo vestindo um figurino Schiaparelli em 1952

RIVALIDADE DE ATELIÊ

No universo da alta-costura, Coco não era apenas uma criadora de tendências: era também uma figura que despertava paixões, disputas e ressentimentos. Entre suas grandes antagonistas, a mais emblemática foi Elsa Schiaparelli, vinda de uma elite italiana e conhecida por dialogar com artistas surrealistas para produzir roupas marcantes, ousadas e chamativas. O contraste entre as duas era inevitável. De um lado, Chanel defendia uma elegância simples e silenciosa; do outro, Schiaparelli apostava no impacto visual e no jogo artístico como essência do vestir. Chanel não escondia o incômodo. Conforme a série documental *Coco Chanel: Unbuttoned*, a francesa chegou a reduzir a rival dizendo que ela era apenas "a artista que faz roupas", enquanto Schiaparelli retrucava, chamando Chanel de uma pequena-burguesa melancólica. Há ainda uma lenda que intriga os mais aficionados por moda: em uma festa à fantasia, Chanel teria empurrado Schiaparelli na direção de uma vela, e a roupa teria pegado fogo.

mas a ideia de que você pode se divertir e misturar o precioso e o falso, digamos que isso era uma metáfora para Chanel, porque ela, de certa forma, é a pérola falsa. É uma criança de orfanato abandonada pelo pai e a mãe morreu e segue o seu rumo na vida. Provavelmente com muitas humilhações e ela se transforma na mulher mais rica do mundo", reflete Judith Thurman, escritora no *The New Yorker, na série documental*. Essa liberdade ajudou a redefinir o luxo como linguagem, não como preço.

NEW LOOK

Na vida íntima, Chanel também se aproximou de Hugh Richard Arthur Grosvenor, o Duque de Westminster, herdeiro de uma fortuna colossal na Inglaterra. Foi por meio dele que ela desenvolveu um grande relacionamento amoroso e também entrou no círculo de Winston Churchill, uma amizade que, anos depois, ganharia outra dimensão com a escalada da Segunda Guerra Mundial. Em meio ao caos do período, a estilista se viu associada a uma iniciativa

controversa conhecida como Operação Modelhut, um enredo improvável que ligou Chanel ao nazismo. Ela ainda se aproveitaria das leis arianas do período para tentar chutar os irmãos Wertheimer, judeus, do controle de sua marca de perfume. "Quando veio a Segunda Guerra Mundial, aproveitando-se das leis arianas que proibiam os judeus de terem negócios na França, Chanel fez de tudo para afastá-los da empresa. Porém, os irmãos se anteciparam e passaram a companhia para o nome do engenheiro aeronáutico Félix Amiot, impedindo os planos da estilista", disse a historiadora Marissa Gorberg ao jornal *O Globo*. Acusada de colaboração com os nazistas, foi encurralada num interrogatório, entretanto, acabou liberada por ausência de provas (Mais adiante, revelamos como esse episódio se desenrolou). Assustada, se mudou para a Suíça com o final da guerra, onde viveu durante quase dez anos. Fora de cena, Chanel não aguentava o marasmo longe da Rua Cambon, em Paris. Assim, em 1954, a estilista retornou à Paris após o exílio voluntário e retomou a maison. Foi quando se deparou com a ascensão de um estilista francês chamado Christian Dior. No pós-guerra, Dior assumiu o posto de maior nome da moda mundial com o impacto do New Look. A proposta, vendida como novidade, recuperava uma feminilidade idealizada que remetia diretamente à Belle Époque, com silhuetas que evocavam cinturas comprimidas e saias longas, um imaginário que Coco Chanel conhecia bem e rejeitava por completo. Para ela, aquele tipo de vestido parecia um retorno às antigas amarras que havia combatido desde o início da carreira. "Tudo o que Chanel havia feito até então era libertar as mulheres, literalmente, da tirania dos espartilhos e da ideia de serem definidas por quem era seu marido, quem era seu pai… A independência era parte do que Chanel representava. E então, quando Christian Dior lançou o 'New Look' do pós-guerra, foi a antítese absoluta do que Chanel defendia, porque trouxe os espartilhos de volta. Ela ficou tão furiosa com o retorno deles que pensou: 'Não passei todos esses anos banindo os espartilhos para que alguém os trouxesse de volta'. Então ela voltou aos negócios — os franceses odiaram, mas os americanos adoraram. A América foi crucial para seu retorno", disse Justine Picardie, autora de *Coco Chanel: The Legend and the*

Hugh Richard Arthur Grosvenor, o Duque de Westminster, com Coco em 1º de maio de 1924

O estilista Christian Dior, criador do 'New Look' com modelos após um desfile de moda em Londres, 1950

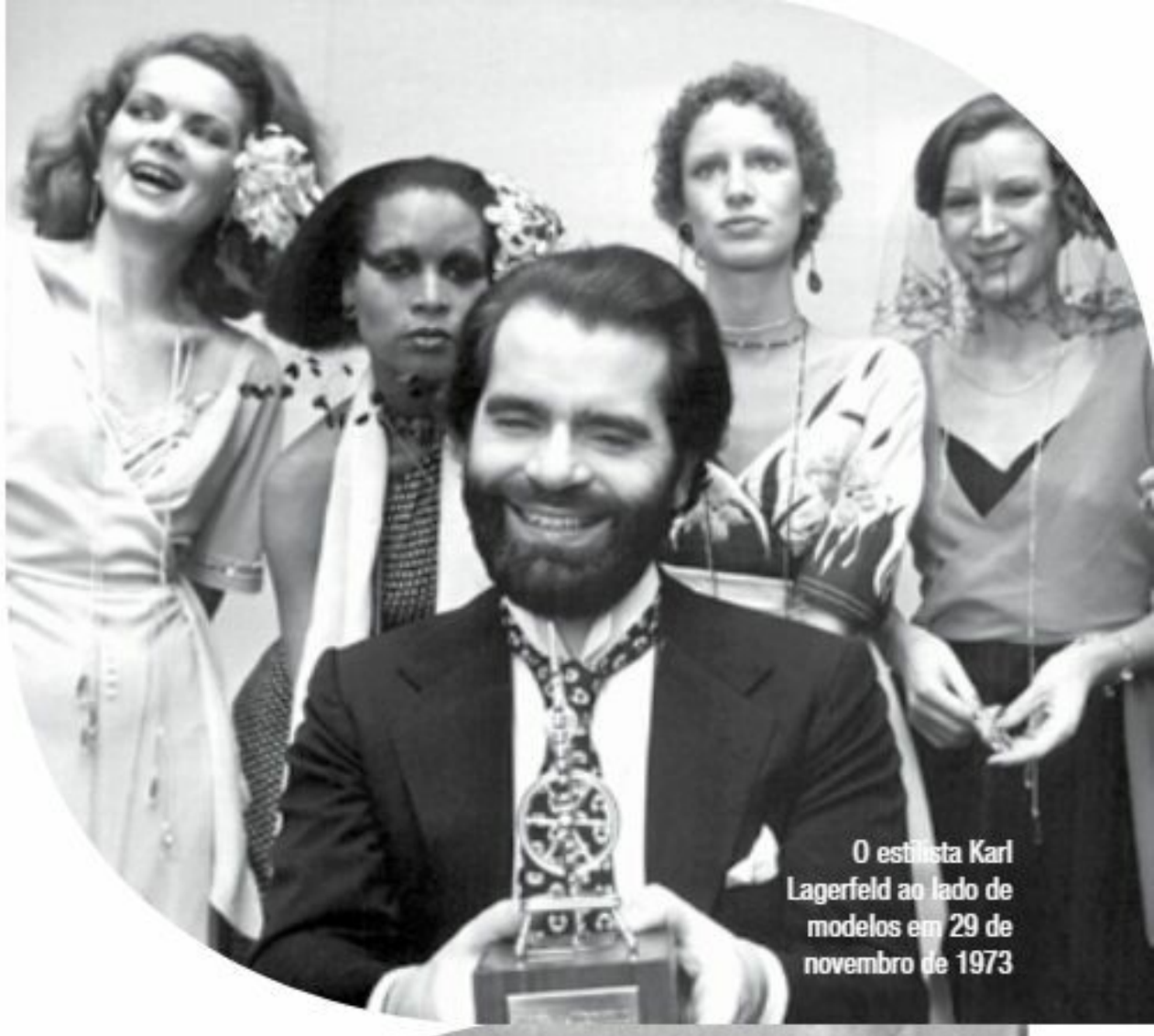
Life, à *Marie Claire* em 2011. Ainda assim, ela decidiu voltar ao jogo e lançou uma nova coleção. A decisão, porém, se mostrou arriscada: a recepção foi fria, a imprensa foi impiedosa e muitos decretaram que era o seu fim. O rótulo de traidora, que ainda pesava na memória francesa, também tornava o terreno mais hostil. Qualquer outro nome teria recuado, mas Chanel não desistiu. Mesmo aos 70 anos, encontrou respaldo em editores de moda americanos que enxergaram a juventude e apelo no seu estilo direto. Em 1957, ela viajou aos Estados Unidos, convidada por Stanley Marcus, ligado à Neiman Marcus, e foi celebrada em Dallas. Marcus recebeu a estilista com uma homenagem inusitada: um desfile temático em que até vacas apareceram com pérolas. De repente, os americanos estavam apaixonados pela estética francesa. A América do pós-guerra se encantou por aquele visual casual e bem resolvido dos ternos sob medida de Coco. Era o *tailleur* de *tweed*, formado por um casaco de corte reto e uma saia reta, pensado para acompanhar movimentos e rotinas. Ao levar essa referência para o universo feminino, Chanel rompeu códigos tradicionais de alfaiataria e escolheu o conforto como prioridade, era uma febre entre as mulheres ricas. "Ela vestia estrelas do cinema francês, ela vestia Elizabeth Taylor. Ela se tornou incrivelmente famosa de novo. Ela era o sinônimo de chic nos anos 1950 e 1960, tanto quanto ela havia sido nos anos 1920 e 1930", explica Justine Picardie na série documental. Esses ternos viraram quase que um uniforme da elite. Lojas de departamento em Nova York faziam questão de anunciar versões licenciadas de seus ternos, permitindo que o prestígio do "estilo Chanel" se espalhasse como um sinal de modernidade novamente. E, com o tempo, ficou evidente que aquele uniforme sob medida dominaria os anos 1950 e 1960.

LEGADO

Enquanto isso, Gabrielle vivia no Hotel Ritz, atravessava a rua para trabalhar no ateliê, sustentava o ritmo com cigarros e inúmeras xícaras de café. Nos bastidores do império que leva seu nome, fez negociações que garantiram a continuidade de sua marca muito além de sua própria vida. Pierre

Coco Chanel em seu *showroom* e ateliê em Paris, 1960

Wertheimer, parceiro decisivo nessa estrutura empresarial, acabou convencendo a estilista a permanecer ligada à companhia, mantendo-a como sócia criativa e assumindo, ao mesmo tempo, seus custos e necessidades até o fim. Em 1971, a francesa morreu aos 87 anos, em seu quarto no Hotel Ritz, em Paris. Décadas depois, a marca continuaria sob controle familiar: Gerard e Alain Wertheimer, netos de Pierre, tornaram-se os responsáveis diretos pela condução do grupo. O alcance da *maison* também se expandiu como um reflexo desse fôlego empresarial. Hoje, a Chanel reúne inúmeras lojas ao redor do mundo, preservando um tipo de exclusividade que também se expressa na forma como opera. Em 1983, a marca daria outro passo crucial ao contratar Karl Lagerfeld, nome ao mesmo tempo extravagante e genial, responsável por reposicionar e atualizar a casa para uma nova era. Ainda assim, por mais que a Chanel tenha atravessado décadas e mudado de mãos criativas, a presença de sua criadora ainda vive nos detalhes. O DNA permanece reconhecível, assim como a simplicidade que ela estabeleceu décadas atrás. Chanel foi empreendedora antes mesmo de esse termo se tornar um elogio moderno, e sua postura abriu espaço para inúmeras mulheres e estilistas que vieram depois. A marca não vende apenas objetos: vende continuidade histórica. Mesmo após sua morte, Coco continua presente na forma como as mulheres se vestem, caminham e ocupam espaço no mundo. "(...) Ela também desenhava para a mulher contemporânea, a mulher que trabalhava, assim como Chanel, que corria, dançava, ia do escritório para uma festa. É isso que a destaca. Ela também foi uma das pouquíssimas estilistas mulheres. Quero dizer, a maioria deles era de homens. E eles desenhavam para um certo tipo de versão idealizada da mulher. Enquanto Chanel dizia que não importava para ela se uma mulher era gorda ou magra, baixa ou alta, ela queria fazer roupas em que as mulheres se sentissem confortáveis, pudessem respirar, se sentissem felizes. Acho que ninguém mais fez isso", destacou Picardie. Sua maior revolução talvez tenha sido provar que elegância não precisa de excesso, e que conforto também pode ser sofisticado.



O estilista Karl Lagerfeld ao lado de modelos em 29 de novembro de 1973

Princesa Diana, esposa do príncipe Charles, com um *tailleur* de *tweed* em 1997

IMAGENS GETTY IMAGES

LIBERDADE

Chanel tornou-se um símbolo de conforto, liberdade e ruptura com as regras de época

A REVOLUÇÃO SILENCIOSA DE CHANEL

ENTRE RESTRIÇÕES, GUERRAS E MUDANÇAS SOCIAIS, UMA PEÇA ANTES IMPENSÁVEL TORNOU-SE ESSENCIAL E COCO FOI CENTRAL NESSA VIRADA

Durante séculos, a calça foi entendida como um símbolo exclusivamente masculino. Até o início do século XX, o simples ato de uma mulher vestir uma peça bifurcada despertava olhares tortos. Esse cenário não surgiu do acaso. Na Antiguidade, homens e mulheres vestiam túnicas e mantos semelhantes, sem distinções rígidas entre os gêneros. "Foi apenas na Era Medieval que a roupa bifurcada, ou seja, a calça masculina, se tornaria uma peça de roupa comum. A partir desta época, se deu enorme importância às diferenças na vestimenta dos sexos masculino e feminino", explica Laura Wie, especialista em História da Moda e idealizadora do projeto Moda com História no especial *Aventuras Narradas*.

Essa diferenciação foi levada ao extremo após a Revolução Francesa de 1789. Embora o período tenha inaugurado a Idade Contemporânea com discursos de liberdade e igualdade, em 1800 a França instituiu uma lei que proibia mulheres de usarem calças. A medida tinha um propósito claro: reduzir a presença de mulheres em determinadas atividades, uma vez que a roupa influenciava diretamente a mobilidade e a atuação social. "As mulheres das classes trabalhadoras tiveram um papel importante durante a Revolução, quando vestiam calças para assegurar facilidade em seus movimentos e propósitos em prol da igualdade e direitos humanos. E elas incomodaram bastante no momento em que essa busca por equidade ainda era reprovada por grande parte da sociedade e seus líderes", contextualiza Wie.

Foi nesse contexto que surgiu o olhar inovador de Coco Chanel na primeira década do século XX. Avessa a convenções limitadoras, Gabrielle não se curvou aos costumes impostos às mulheres de sua época. "Ela não se ajustou ao costume das mulheres que tinham o hábito de cavalgar com vestidos quando colocavam as duas pernas de um lado só do cavalo", explica a especialista. Ao vestir as calças do companheiro e sentar-se na sela como os homens, ela simplificou a prática do esporte e, sem discursos explícitos, lançou um gesto silencioso de ruptura.

O mesmo impulso reapareceu quando Chanel passou a frequentar balneários do litoral francês. Laura relembra que em Trouville, na Normandia, ao observar a alta sociedade passeando à beira-mar, decidiu que precisaria, mais uma vez, libertar seus movimentos. "Ela vestiu as calças do seu companheiro para passear a pé na charmosa calçada em frente ao mar, onde a alta sociedade se encontrava", destaca Wie.

A mudança começou a ganhar respaldo legal quando passou a ser permitido que mulheres utilizassem calças em práticas como andar de bicicleta ou montar a cavalo. Ainda assim, essa autorização não dialogava com a liberdade defendida por Chanel. A estilista fez a calça sair do "uso prático" e entrar no dia a dia feminino com mais leveza. Essa atitude foi de suma importância alguns anos depois, durante a Primeira Guerra Mundial, quando a ausência dos homens no cotidiano obrigou as mulheres a ocupar fábricas, escritórios e serviços essenciais. Assumindo as funções dos parceiros, elas utilizavam suas calças.

"Depois da guerra, ao longo da década de 1920, a calça-pantalona adquiriu uma modelagem mais feminina e elegante, e considerada peça de vanguarda, passa a ser usada por artistas e ativistas na Europa e, logo depois, pelas estrelas do cinema nos EUA", relembra Laura. "A partir das imagens da indústria cinematográfica, foi um pulo para que as mulheres ocidentais, mesmo as mais conservadoras, cedessem ao apelo funcional e moderno das calças."

IMAENS GETTY IMAGES

DO AROMA A MARILYN MONROE: A CRIAÇÃO DO CHANEL Nº 5

Marilyn Monroe posa com um frasco de Chanel Nº 5, em 24 de março de 1955

EM BUSCA DE UM CHEIRO INOVADOR, CHANEL CRIOU A FRAGRÂNCIA QUE SE TORNARIA SÍMBOLO DO SÉCULO XX

POR THIAGO LINCOLINS

Em uma entrevista concedida no início da década de 1950, Marilyn Monroe foi provocada por um jornalista ao ser questionada sobre o que vestia para dormir. A resposta, espontânea, resumiu seu ritual noturno a algumas gotas do Chanel nº 5. O comentário atravessou o tempo e ajudou a transformar a fragrância em um símbolo definitivo de sensualidade.

Apresentado ao público no início da década de 1920, muito antes de Monroe, o Chanel nº 5 surgiu em um momento em que Gabrielle Chanel já havia rompido com códigos tradicionais do vestir feminino. Sua atuação na moda não buscava ornamentos excessivos, mas conforto e liberdade de movimento. Esse mesmo espírito atravessava a Europa no período pós-guerra, quando a sociedade tentava se reorganizar e novas ideias encontravam espaço tanto nas artes quanto na ciência. Nesse cenário, a criação de um perfume inédito se tornou uma extensão natural de sua visão estética. Até então, perfumes raramente estavam ligados de forma direta à identidade de uma grife. "Ela pretendia que o perfume tivesse, nas suas próprias palavras, um cheiro de mulher, ou seja, uma fragrância que representasse a complexidade da mulher moderna, feminina, estilosa, arrojada e sensual como ela própria, a Gabrielle", explica a especialista em história da moda Laura Wie.

Para transformar essa ideia em realidade, a estilista contou com a colaboração do perfumista Ernest Boe, profissional com experiência junto à aristocracia russa e que havia se fixado na França. O objetivo da dupla era claro: desenvolver um aroma que não remetesse a uma flor específica, mas que evocasse sensações mais amplas e sofisticadas. Um dos elementos centrais dessa inovação foi o uso dos aldeídos. "O aldeído é uma composição química que pode ter várias nuances olfativas e uma delas é justamente o frescor. O frescor que possibilitou o cheiro de ar limpo que Chanel buscava. Toda essa mistura era inovadora e alinhada com doses maciças de extrato de jasmim e dezenas de outras matérias-primas, extraídas de plantas, flores, raízes e frutos, fez com que a fragrância fugisse dos padrões", relembra Wie. O simbolismo também se estendeu ao nome e à apresentação. O número cinco, associado à sorte pessoal da criadora, identificava a amostra escolhida entre várias testadas. Já o frasco recusava ornamentos e seguia uma estética simples, inspirado em recipientes farmacêuticos, refletindo a preferência de Chanel por linhas retas e simplicidade.

No início, a distribuição foi restrita às lojas da marca em Paris e a alguns balneários frequentados pela elite. Com a crescente aceitação, a parceria firmada com os irmãos Wertheimer, do ramo de perfumes, permitiu a expansão internacional. Mesmo em períodos turbulentos, como a Segunda Guerra Mundial, o perfume manteve sua identidade e consolidou-se como um dos símbolos mais duradouros da cultura do luxo no século XX. Além disso, o perfume Chanel nº 5 assumiu um papel central na sustentação financeira da marca, consolidando-se como um dos produtos mais rentáveis de sua história.

"É um perfume que se tornou um verdadeiro objeto de desejo e que já chegou a vender no mundo um frasco a cada 30 segundos", complementa Wie no especial em áudio da AH. Somente no Reino Unido, cerca de 1,92 milhão de mulheres usaram a fragrância em 2019, evidenciando sua força no mercado ao redor do mundo.

A MODA EXPLICA A HISTÓRIA

Ilustração capa para revista Vogue, EUA

DO PRIVILÉGIO DA NOBREZA À VENDA MASSIFICADA: A MODA É UM RETRATO DA MUDANÇA DAS IDEIAS NOS ÚLTIMOS SÉCULOS

POR SARA DUARTE

A primeira agulha de que se tem notícia foi feita de osso. Muito rudimentar, ela só servia para costurar peles, mas há quem diga que sua invenção foi tão importante quanto a da roda e a do fogo. Alguns milênios depois (não se sabe exatamente quando), os artesãos descobriram a tecelagem. Combinando fios, faziam tecidos que, cortados e costurados, serviam para proteger do frio, esconder o corpo dos olhares alheios ou demonstrar poder. Durante a Antiguidade, diversos povos desenvolveram seus próprios jeitos de fazer roupas, com panos coloridos ou intrincados bordados. Séculos atrás, portanto, já existiam técnicas e matérias-primas para fazer roupas adequadas a todos os gostos. Mas ainda faltava alguma coisa. Quando um homem nascia, fosse ele um rei europeu ou um camponês asiático, era possível prever o jeito como ele se vestiria até sua morte. Isso só mudou com o surgimento de uma das mais fundamentais características do mundo contemporâneo: a moda. A palavra vem do latim modus, que significa "costume" ou "maneira". Ela começou a ser usada com o sentido que tem hoje por volta do século 15, com o fim do período medieval e o início do Renascimento na Europa. Mas a opção por incrementar o guarda-roupa manteve-se restrita à elite por mais 300 anos, até a Revolução Industrial. Foi a partir daí que a tecnologia e a produção em massa permitiram que os homens comuns pudessem escolher o que vestir – escolha que logo se transformou numa expressão da personalidade. Se o ato de se vestir é muito mais antigo do que a moda, hoje é impossível separar uma coisa da outra.

TUDO SE COPIA

Para saber como a moda e as roupas ficaram ligadas para sempre, é preciso voltar à época em que a primeira nem existia. Até a Idade Média, era comum que pessoas simples, como os camponeses, não tivessem mais que dois trajes: um de domingo, usado para ir ao culto religioso, e outro mais surrado, para o dia a dia. As donas de casa faziam as vestimentas da família e as roupas eram tão valorizadas que costumavam ser listadas em testamento. Os homens usavam gibões (grandes casacos), enquanto as mulheres se contentavam com vestidos simples, sem armação. Desde a Antiguidade, vestir-se com luxo e variedade era privilégio da elite. Nas cortes europeias, muitas novidades eram introduzidas pelos viajantes que vinham do Oriente. A calça comprida, por exemplo, teria sido inspirada nas calças bufantes dos indianos. Para evitar que um trabalhador comum parecesse um membro da aristocracia, durante muito tempo houve leis que restringiam alguns tecidos e cores a determinadas classes sociais. Com o declínio da Idade Média na Europa, as cidades começaram a se desenvolver, atraindo pessoas que antes viviam em função dos nobres, no campo. Nos núcleos urbanos, o desenvolvimento do comércio – catapultado pelas grandes navegações – fez surgir uma nova classe social, a burguesia. Eles não eram nobres, mas eram ricos e não tinham nenhuma pretensão de esconder isso. Querendo se diferenciar dos trabalhadores braçais, os burgueses se espelharam na nobreza. E começaram a copiar suas roupas. Os nobres não gostaram de ser imitados. Para continuar se destacando, exigiram ainda mais criatividade de seus alfaiates. Graças a isso, nos séculos 17 e 18, as roupas ficaram cada vez mais rebuscadas, atingindo seu ápice na corte francesa de Versalhes. Fora dos palácios reais, a burguesia tentava acompanhar tudo, obrigando os costureiros da corte a inovar cada vez mais. Esse jogo de criação e imitação é o mecanismo que até hoje move a moda. A diferença é que, naquela época, uma enorme parcela da população, por razões econômicas, se mantinha excluída dele. A mudança veio com a Revolução Industrial, que começou na Inglaterra da segunda metade do século 18. Um dos primeiros setores fabris a contar com a velocidade das máquinas foi, justamente, o de tecidos. O custo do produto diminuiu drasticamente. Ao mesmo tempo, a industrialização aumentou a disponibilidade de emprego nas cidades: em vez

de arar a terra no campo, o jovem podia optar por trabalhar numa fábrica. Nas cidades, os trabalhadores começaram, devagar, a ser incluídos na ciranda da moda. Andar pela rua bem-vestido era fundamental. "Em espaços públicos, os mais ricos exibiam seu poder financeiro e seu bom gosto por meio das roupas, enquanto as pessoas de classe média tentavam mostrar que sabiam qual o estilo de vestimenta apropriado e como utilizá-lo", diz a socióloga americana Diana Crane, autora do livro *A Moda e seu Papel Social*. Por volta de 1820, surgiu na Inglaterra e na França a confecção industrial. Pela primeira vez, às centenas, as peças saíam prontas das fábricas, idênticas e baratas. Lojas especializadas em roupas não tardaram a aparecer. "Na década de 1840, surgem os grandes magazines, tornando a moda acessível à pequena e média burguesia", escreve o filósofo francês Gilles Lipovetsky em *O Império do Efêmero*. Na década de 1850, com a invenção de máquinas de costura semelhantes as atuais, os custos de produção das roupas caíram ainda mais, permitindo que até trabalhadores mais humildes pudessem adquirir trajes mais elaborados. As roupas se tornaram, assim, o primeiro item de consumo amplamente acessível da história.

LIBERDADE PARA MULHERES

Mas a democratização do vestuário tinha limites. No trabalho, os patrões obrigavam os empregados a usar uniformes, para lembrá-los de que eram subalternos. Em meados do século 19, os trabalhadores tinham que andar "fora de moda", com macacões e aventais. Segundo Diana Crane, os profissionais mais bem-sucedidos, como contadores e advogados, procuraram um tipo de roupa que os diferenciasse dos operários. "Surgiu então, na Inglaterra, o costume ou terno, com calça social, paletó, colete e gravata", afirma. O traje inventado pelos ingleses logo se tornou símbolo de elegância na Europa e na América. Mas, enquanto os homens ricos usavam roupas já pensadas para o mundo do trabalho, suas mulheres ainda seguiam a cartilha do ócio aristocrático. As grã-finas americanas e europeias se vestiam conforme as últimas tendências de Paris – a monarquia havia sido derrubada, mas a França ainda era referência em moda. Costureiros franceses faziam vestidos com saias amplas, cheias de babados, aros de arame e aço, anáguas e espartilhos. Mesmo com o sucesso da confecção industrial, portanto, as mulheres abastadas continuavam usando roupas feitas sob medida. Foi então que surgiu a alta-costura, especializada em produzir modelos exclusivos, em contraposição à moda vendida nos magazines. O primeiro costureiro a explorar esse nicho foi o inglês Charles Frederick Worth. Em 1858, em Paris, ele realizou o primeiro desfile de moda de que se tem notícia. Exibiria toda a coleção em um único dia, para poucas felizardas. Na data marcada, surpreendeu as clientes com outra inovação: em vez de cabides, usou mulheres para mostrar suas criações. A Maison Worth foi um sucesso e deu origem a dezenas de casas nos mesmos princípios. Em lugar do costureiro-artesão, surgia o estilista, profissional respeitado pela genialidade criativa e pelo poder de escolher o que seria tendência. Já nessa época, os modelos da alta-costura eram rapidamente copiados e reapareciam em versões mais simples no comércio popular. Nos magazines e mercados, a maioria das clientes eram mulheres solteiras que trabalhavam fora e queriam se exibir. "Embora tivessem pouco dinheiro, elas competiam com suas colegas de trabalho para copiar a última moda, escolhendo trajes chamativos para fazer seu estilo", diz Diana Crane. As roupas já eram um meio de expressar status, ambições e sonhos. Foram essas jovens ousadas que forçaram a modernização do vestuário feminino, exigindo roupas mais simples e funcionais, como as dos homens. Trocaram os vestidos cheios de camadas por saias compridas, camisa social e até gravata. Na virada do século 20, elas já vestiam os primeiros *tailleurs* com saia – "símbolo da mulher emancipada". Mas as inovações no vestuário feminino tinham um limite: as moças não podiam usar calças compridas. Em muitos países, a proibição fazia parte da lei e tinha raízes antigas. Entre os séculos 13 e 14, os homens haviam deixado as saias para usar calças. Isso provocou uma cisão entre os guarda-roupas masculino e feminino. Somente por volta de 1890, com a invenção da bicicleta, as mulheres obtiveram permissão para usar calças – porque era impossível pedalar de saia. Mas, no começo, isso só era permitido no campo, no litoral ou em ginásios. Nunca em ambientes formais.

PRONTO PARA USAR

A moda do início do século 20 buscava, acima de tudo, a pompa e o glamour. Mas a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, inaugurou um período de luto e escassez. Foi então que a estilista francesa Gabrielle Chanel decretou o fim do luxo. Para ela, a mulher moderna pedia vestidos justos e simples, calça comprida e malhas de lã. Chanel investiu em detalhes antes restritos aos pobres, como gola e punhos de camareira e macacões de mecânico. Nos anos 1920, o protótipo da mulher esguia e dinâmica derrubou o da sedentária entravada em babados e rendas. Na década seguinte, os estilistas franceses começaram a ter seu império ameaçado. Na mídia, as damas de Paris começaram a perder espaço para as estrelas de Hollywood, nos Estados Unidos. As mulheres queriam se vestir como Greta Garbo e Marlene Dietrich. Com a invasão de Paris pelos nazistas em 1940, durante a Segunda Guerra, muitos modistas fecharam suas *maisons* ou as levaram para outros países. Enquanto isso, costureiros americanos e britânicos foram tomando o mercado. Como a guerra impôs nova escassez de matérias-primas, as roupas ficaram mais simples, feitas com tecidos como brim ou veludo cotelê.

NEW LOOK

O mundo só voltaria a se curvar à moda de Paris em 1947, quando o estilista Christian Dior lançou o New Look ("novo visual"): *tailleur* e saia ampla com cintura fina. Com formas que valorizavam o busto e o quadril, o estilista trouxe de volta a feminilidade e o glamour. Dior produziu um sucesso atrás do outro: vestidos tomara que caia, estolas, chapéus, colares de pérolas... O êxito de Dior abriu as portas de Hollywood para os criadores franceses. Ele vestia Marlene Dietrich e a jovem Brigitte Bardot. Hubert de Givenchy fazia os vestidos de Audrey Hepburn e Grace Kelly. Na década de 1950, se associaram a empresas para lançar perfumes, maquiagem, acessórios e lingerie – hoje esse licenciamento é sua principal fonte de renda. As grandes casas de moda abriram também uma segunda linha de roupas, chamada de *prêt-à-porter* ("pronto para usar", em francês). Produzidas em séries limitadas, elas não são tão exclusivas como as da alta- costura, mas custam até dez vezes menos. Atualmente, as grandes tendências da alta-costura são lançadas nos desfiles de Paris, Londres, Milão e Nova York. Mas como elas se transformam na moda usada nas ruas pelas pessoas comuns? Uma das melhores explicações para isso está no filme *O Diabo Veste Prada*, lançado em 2006. Miranda (vivida por Meryl Streep), editora de uma revista de moda, percebe o desprezo de uma funcionária pelo tema e dispara: "Sabe que cor você está usando? Um azul-cerúleo que Yves Saint-Laurent apresentou pela primeira vez em Paris, foi copiado por estilistas do mundo todo, virou tendência na indústria têxtil e foi parar nas lojas de comércio popular, que foi onde você comprou essa malha sintética barata". Desde a época em que a burguesia copiava a nobreza, o princípio básico da moda continua o mesmo.

Modelo com um figurino de Christian Dior, 1947

IMAGENS GETTY IMAGES

CHANEL NO BANCO DA HISTÓRIA

A VIDA DA ESTILISTA DURANTE A SEGUNDA GUERRA REVELA ZONAS CINZENTAS ENTRE SOBREVIVÊNCIA, OPORTUNISMO E PODER

POR THIAGO LINCOLINS

Um ícone da moda também marcado pela controversa ligação com o nazismo

A trajetória de Coco Chanel costuma ser celebrada como sinônimo de ruptura estética e modernidade. Ainda nos anos 1910, ela reformulou o vestuário feminino ao adotar linhas simples, tecidos confortáveis como o jérsei e ao afastar o corpo das amarras do espartilho. Décadas depois, consolidaria esse legado com a criação do vestido preto básico – indispensável no guarda-roupa das mulheres de hoje em dia – e de um dos perfumes mais célebres do século XX, o Chanel nº 5. Ao mesmo tempo, Chanel construiu cuidadosamente sua própria narrativa, apagando ou distorcendo aspectos de uma infância marcada pela pobreza, pela morte precoce da mãe e pelo abandono paterno, que a levou a ser criada por freiras. Essa reinvenção pessoal foi parte central de seu mito. No entanto, há um capítulo de sua história que resiste a qualquer tentativa de suavização. Durante a Segunda Guerra Mundial, Chanel manteve relações diretas com o regime nazista, colaborando com ocupantes alemães em Paris. Essa ligação, documentada e incontornável, contrasta com a imagem da estilista libertária celebrada pela moda. Entre genialidade e escolhas políticas controversas, a figura de Chanel revela uma complexidade que desafia leituras simples. Afinal, como poderia uma mulher que tanto lutou pela liberdade das mulheres se envolver com um regime que assassinou aproximadamente 2 milhões de judias de forma cruel?

CAPÍTULO CONTROVERSO

A ligação de Coco Chanel com o regime nazista constitui um dos capítulos mais controversos de sua biografia. Durante a ocupação alemã em Paris, a estilista manteve um relacionamento amoroso com Hans Günther von Dincklage, conhecido como Spatz, agente ligado à inteligência nazista, a Abwehr, cuja atuação lhe garantiu acesso privilegiado a círculos de poder do regime, documenta Hal Vaughan, autor de *Dormindo com o Inimigo*. Essa proximidade não foi apenas pessoal. Por meio dele e de outros contatos alemães, Chanel conseguiu interceder em favor de seu sobrinho André, integrante do Exército francês, que acabou aprisionado num campo de prisioneiros da Alemanha nazista. A luz no fim do túnel veio quando a estilista descobriu que ele ainda estava vivo. Naquele momento, ela sabia que suas conexões poderosas, intermediadas por meio de Dincklage, poderiam resultar na libertação do rapaz. A viagem de Hans até Berlim, ao lado do barão Louis de Vaufreland, para encontrar Adolf Hitler foi crucial em 1941. Quando a Abwehr soube da preocupação da estilista com o bem-estar do sobrinho, surgiu a oportunidade de realizar um acordo valioso com Gabrielle. Os nazistas teriam comunicação com influentes conexões de Chanel, marcadas por figuras ligadas aos Aliados. Com o apoio do amante, ela fez um acordo com a inteligência nazista que previa sua viagem a Madri, na Espanha neutra, ao lado do barão Louis de Vaufreland, como o começo de uma missão que lhe permitiria chegar à Inglaterra e, depois, repassar informações de natureza econômica e política. A conexão perigosa surtiu efeito. Ainda naquele ano, Chanel soube que o sobrinho fora liberto pelos nazistas em segurança, informa a PBS (Public Broadcasting Service).

ESTILISTA E ESPIÃ

No rigoroso inverno de 1943, à medida que o avanço aliado enfraquecia o domínio de Hitler, a ocupação alemã em Paris passou a enfrentar atos de resistência armada e represálias. Diante desse cenário instável, autoridades nazistas alertaram Dincklage de que sua permanência na cidade havia se tornado insustentável, o que implicava também o afastamento de Chanel. Relutante em permanecer sozinha na capital francesa, Coco Chanel buscou uma alternativa estratégica ao lado do amante. A articulação envolvia explorar o vínculo da estilisa com o primeiro-ministro britânico Winston Churchill, reabrindo canais em um momento crítico. "Mademoiselle Chanel acreditava que poderia usar sua amizade com Winston Churchill para persuadir os nazistas de que ela e Dincklage tinham os contatos necessários para negociar um acordo de paz separado com a Grã-Bretanha. Gidel acreditava que o Duque de Westminster, conhecido por seu apoio à Alemanha, assim como muitos outros políticos e membros da realeza britânica, temia que a União Soviética dominasse toda a Europa. O Duque incentivou Chanel a atuar como emissária entre Berlim

e Londres", escreve Hal Vaughan mencionando o historiador Henry Gidel. O desenrolar da Operação Modelhut, na qual ela deveria levar uma mensagem de paz para o político, tomou um rumo inesperado quando Vera Bate Lombardi, uma socialite e pessoa próxima de Coco Chanel, chegou a Madri. Suspeita de espionagem, ela, que fora colaboradora da estilista na operação, admitiu as autoridades locais a atuação como agente a serviço da Alemanha. Nesse processo, acabou mencionando o nome de Coco como parte das trocas de informação, comprometendo diretamente a estilista. O episódio impediu qualquer possibilidade de sucesso da articulação construída até então e expôs Chanel. Com a libertação de Paris, em agosto de 1944, o passado recente veio à tona e a estilista foi detida pelo governo francês. Ela passou horas sendo interrogada, ainda assim, a investigação não reuniu provas suficientes para formalizar acusações. Sem provas concretas, as autoridades optaram por libertá-la. Alguns estudiosos sugerem que sua saída pode ter sido facilitada por intervenções de alto nível, possivelmente ligadas a Winston Churchill, embora não existam documentos que confirmem essa hipótese. "Uma teoria sustenta que Chanel sabia que Churchill havia violado sua própria Trading with the Enemy Act ("Lei de Comércio com o Inimigo", em tradução livre)… ao pagar secretamente aos alemães para proteger a propriedade do Duque de Windsor em Paris [O Duque de Windsor era o ex-rei Edward VIII, que havia sido um dos amantes de Coco Chanel quando ainda era o Príncipe de Gales]", documenta Vaughn. Aproveitando-se da perseguição nazista contra os judeus, Coco também buscou um caminho legal para alterar a estrutura de controle de sua empresa de perfumes. As chamadas leis arianas proibiam judeus de serem proprietários de negócios. Chanel tentou recorrer a esse furo para afastar seus sócios judeus da companhia. A tentativa, porém, não avançou como ela esperava: o controle da empresa não foi transferido.

ETERNO DEBATE

Durante a pós-libertação de Paris, Coco Chanel não foi inicialmente questionada por sua relação com Dincklage, mas por seus vínculos com outro personagem ainda mais comprometedor: o barão Louis de Vaufreland. A investigação ficou sob responsabilidade do juiz Roger Serre, que dispunha de um dossiê extenso, indicando que, em 1941, Chanel teria atuado como colaboradora da Abwehr para espionagem. Entre os documentos revelados posteriormente por Vaughn, estava um relatório do serviço secreto britânico que registrava a viagem da estilista a Berlim, em 1943, acompanhada de Dincklage. Segundo o depoimento de Joseph von Ledebur-Wicheln, ex-agente da Abwehr que desertou, Chanel teria se oferecido diretamente a Heinrich Himmler, chefe da SS. À época, porém, essas informações não estavam disponíveis aos magistrados franceses, que se viram obrigados a basear o inquérito quase exclusivamente nas declarações da própria acusada. Em interrogatório conduzido por Fernand Paul Leclercq, Chanel minimizou qualquer envolvimento político,

A direita, Winston Churchill ao lado do filho Randolph e de Coco Chanel

descrevendo Vaufreland como um jovem leviano. Com deboche, afirmou que eventuais relações com alemães só poderiam ter sido de natureza íntima. Alegou ainda ter recorrido uma única vez à influência do barão para libertar o sobrinho André, retratando-o como alguém sempre disposto a ajudar. A historiadora Rhonda Garelick, considerada uma das biógrafas mais rigorosas de Chanel, é direta sobre esse período controverso. Em seu livro *Mademoiselle: Coco Chanel and the Pulse of History*, publicado em 2014, Garelick sustenta que o envolvimento da estilista com os nazistas não foi ingênuo. Para a autora, Chanel teria agido movida por conveniência pessoal e interesses próprios. "O patriotismo sempre significou menos para ela do que o poder", documenta a escritora. "Ela nunca reconheceu as implicações de tentar invocar as leis hediondas de arianização dos nazistas contra seus próprios parceiros comerciais." Já a escritora Justine Picardie oferece uma leitura mais cautelosa sobre o envolvimento de Chanel com o regime. Em declarações à BBC, Picardie afirmou que é simplista rotular Chanel como nazista. Autora da biografia *Miss Dior* e de *Coco Chanel: A Vida e a Lenda*, a escritora sustenta que Chanel era defensora da ideia de liberdade, o que tornaria improvável uma adesão ideológica ao nazismo. Ainda assim, reconhece que a estilista soube utilizar, de forma conveniente, suas conexões com autoridades alemãs. Para Picardie, episódios como a Operação Modelhut são intrigantes, mas insuficientes para definir integralmente quem Chanel foi. Em 2011, quando o livro de Hal Vaughan foi publicado, a grife se pronunciou publicamente após as sérias acusações. A Chanel reconheceu que Coco manteve, durante a guerra, um relacionamento com o alemão Hans Günther von Dincklage, conhecido desde os anos 1930. A grife afirmou que o romance foi infeliz e ressalta que a relação iniciou-se antes do conflito, observando ainda que a mãe de Dincklage era britânica. O comunicado também confirmou a amizade antiga entre Chanel e Winston Churchill. Segundo essa versão, Chanel teria se aproximado dele com a intenção de atuar como intermediária em uma tentativa de acordo de paz entre alemães e Aliados. A casa afirmou, por outro lado, que não há consenso sobre o que efetivamente ocorreu nem sobre qual teria sido, de fato, o papel desempenhado por ela. Sobre as acusações de antissemitismo, a posição oficial da grife é a de que tais insinuações não podem ser aceitas sem ressalvas. Segundo a *maison*, seria improvável que Gabrielle sustentasse convicções antissemitas e, ao mesmo tempo, mantivesse relações pessoais e profissionais com judeus influentes, como membros da família Rothschild, o fotógrafo Irving Penn – filho de imigrantes judeus russos – e o escritor Joseph Kessel. Entre genialidade e escolhas moralmente controversas, a história de Coco permanece marcada por ambiguidades quase 60 anos após a sua morte. Reconhecer essas contradições não apaga seu legado na moda, mas amplia a compreensão de uma figura complexa, ligada às tensões e sombras do século XX.

IMAGENS GETTY IMAGES

7 ESCÂNDALOS POR TRÁS DO luxo

GRIFES QUE MOLDARAM A HISTÓRIA DA MODA TAMBÉM CARREGAM EPISÓDIOS DE ABUSO DE PODER, MORTES E EXCESSOS

POR THIAGO LINCOLINS

DURANTE DÉCADAS, O UNIVERSO DA MODA FOI APRESENTADO COMO SINÔNIMO DE CRIATIVIDADE, ELEGÂNCIA E GENIALIDADE, um ramo em que talento e visão pareciam caminhar sempre de mãos dadas. Por trás das vitrines, dos desfiles milimetricamente coreografados e das campanhas que moldaram desejos ao redor do mundo, existe, no entanto, uma camada menos visível dessa história. Grandes grifes que ajudaram a definir épocas, comportamentos e estilos também carregam episódios marcados por controvérsias, crimes sexuais e até mesmo assassinatos. Ao revisitar a trajetória dessas casas lendárias, torna-se impossível ignorar como sucesso e escândalo frequentemente se entrelaçam. Aqui, a intenção não é desmontar mitos nem reduzir trajetórias a seus momentos mais controversos, mas relembrar que a história da moda foi escrita também por decisões ambíguas, alianças incômodas e escolhas que hoje despertam questionamentos. Entre criações que marcaram gerações e episódios que permanecem nas entrelinhas, essas narrativas revelam como a indústria da moda se formou em meio a tensões, contradições e disputas.

SANGUE NA CASA GUCCI

Nascida em 1948, nos arredores de Milão, Patrizia Reggiani cresceu longe do luxo que mais tarde se tornaria sua marca registrada, em uma infância marcada pela ausência do pai biológico e pelo trabalho modesto da mãe como garçonete. A virada em sua vida ocorreu ainda na adolescência, quando a mãe se casou com um empresário bem-sucedido do setor de transportes, introduzindo Patrizia em um novo mundo. Presenteada com casacos de pele, carros esportivos e acesso aos círculos mais exclusivos da cidade, ela se inseriu gradualmente na alta sociedade. Foi nesse ambiente que conheceu Maurizio Gucci, herdeiro de uma das grifes mais poderosas do mundo, com quem se casaria no início dos anos 1970 e teria duas filhas. A vida do casal tornou-se sinônimo de excessos, com residências espalhadas entre Nova York, México, Alpes e um iate que simbolizava o auge da ostentação.

Por trás da aparência de conto de fadas, no entanto, acumulavam-se tensões familiares e disputas de poder, agravadas pela rejeição do patriarca da família Gucci e pelas divergências sobre o futuro da marca. A separação, consumada após a saída definitiva de Maurizio de casa e o início de um romance com Paola Franchi, transformou expectativas de reconciliação de Patrizia em um verdadeiro filme de terror. O assassinato a sangue-frio de Maurizio Gucci, em 27 de março de 1995, chocou a Itália e expôs ao mundo uma trama que culminaria na prisão de Patrizia, acusada de ter encomendado o crime. O julgamento resultou em 29 anos de prisão. Ao fim do processo judicial, entretanto, Patrizia passou quase duas décadas na prisão e deixou o sistema penitenciário em 2016, beneficiada pela avaliação de boa conduta. De volta a Milão, passou a levar uma vida discreta, embora ainda desperte atenção pública.

EXPLORAÇÃO SEXUAL NA ABERCROMBIE

A trajetória de Mike Jeffries à frente da Abercrombie & Fitch ajudou a moldar uma estética que marcou uma geração, ao transformar uma empresa familiar em crise em uma potência global do varejo voltada ao público jovem. Jeffries tornou-se uma figura controversa no setor, cercada por acusações de discriminação interna, gordofobia e questionamentos sobre a influência informal de seu parceiro, Matthew Smith, nos rumos da companhia. A queda nas vendas levou à sua saída em 2014, acompanhada de um pacote de aposentadoria milionário. Anos depois, uma investigação conduzida pela BBC trouxe à tona denúncias graves envolvendo a vida privada do ex-executivo. Segundo relatos colhidos ao longo de dois anos, jovens adultos alegaram ter sido recrutados para eventos organizados por Jeffries e Smith em residências e hotéis de luxo em diferentes cidades, onde foram explorados sexualmente. Os depoimentos indicam promessas vagas de oportunidades profissionais e informações incompletas sobre a real natureza dos encontros. Embora os participantes tenham sido pagos, muitos afirmaram ter se sentido enganados ou prejudicados pela experiência. Preso, foi liberado após o pagamento de uma fiança de US$ 10 milhões. Em meio às investigações, ele foi considerado mentalmente incapaz por um tribunal, com diagnóstico de demência e Alzheimer de início tardio, o que levantou dúvidas sobre sua responsabilização. Avaliações médicas posteriores, no entanto, indicaram que ele pode responder judicialmente. Os envolvidos ainda negam as acusações.

AS OFENSAS DE KARL LAGERFELD

Karl Lagerfeld iniciou a sua carreira nos anos 1960 como *freelancer* para a Chloé, em um período em que ainda buscava afirmar sua identidade criativa. Pouco depois, ampliou seu campo de atuação ao colaborar com a Curiel e, na década seguinte, desenvolver projetos ao lado da marca italiana Fendi. Paralelamente, também atuou como figurinista para produções teatrais. Em 1983, assumiu a direção artística da Chanel, posto que ocuparia por 36 anos. Ao longo desse período, consolidou-se como um dos nomes mais influentes da moda contemporânea, ao mesmo tempo em que acumulava controvérsias. Suas declarações sobre corpos femininos, frequentemente associadas à defesa extrema da magreza, provocaram críticas recorrentes e acusações de gordofobia. Comentários direcionados a figuras públicas, como cantoras e atrizes, também alimentaram sua fama de língua afiada. Lagerfeld igualmente se posicionou de forma crítica em debates sociais mais amplos, rejeitando o movimento #MeToo, quando colocou em dúvida as denúncias de assédio feitas por mulheres da indústria. Também se declarou contrário ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, postura que ampliou a rejeição à sua figura. Suas opiniões sobre imigração na Alemanha e ataques diretos à então chanceler Angela Merkel reforçaram sua imagem polêmica. Lagerfeld morreu em 19 de fevereiro de 2019, aos 85 anos, em Paris, e ainda divide opiniões.

TRAGÉDIA POR TRÁS DA VERSACE

Gianni Versace veio ao mundo em 1946, no sul da Itália, em Régio da Calábria, uma região marcada por dificuldades econômicas. Filho de um vendedor de eletrodomésticos e de uma costureira que comandava um pequeno ateliê, cresceu cercado por tecidos, moldes e conversas com clientes, aprendendo desde cedo a desenhar e costurar ao lado da mãe. A experiência no ateliê moldou seu olhar para o corpo e para a roupa desde muito cedo. Já adulto, recebeu a oportunidade que mudaria seu destino ao ser convidado, aos 25 anos, para criar uma coleção destinada à produção em Milão, então o centro da moda italiana. O sucesso do trabalho abriu portas. Em 1978, fundou oficialmente a Versace, reunindo o irmão Santo e a irmã Donatella em torno do projeto, e apresentou sua primeira coleção. Suas criações apostavam em cores intensas, tecidos fluidos e materiais, até então, pouco usuais, como couro e plástico, rompendo com padrões mais discretos da época. Em 1997, no auge de uma carreira que se expandia para além das roupas, sua trajetória foi abruptamente interrompida. Na manhã de 15 de julho daquele ano, Gianni foi morto diante de sua residência, no momento em que havia saído para uma breve caminhada. O autor do crime foi identificado como Andrew Cunanan, responsável por outros assassinatos em série nos Estados Unidos. Dias depois, ele tirou a própria vida, encerrando qualquer possibilidade de esclarecimento sobre suas motivações. Até hoje, o caso permanece cercado de perguntas sem resposta. Após a morte do irmão, Donatella assumiu a direção criativa da grife, dando continuidade a um legado marcado por ousadia e glamour.

A QUEDA DE JOHN GALLIANO

John Galliano construiu sua trajetória a partir das salas da Central Saint Martins, em Londres, onde se destacou ainda como estudante antes de alcançar o posto máximo da moda de luxo. Ao longo de quinze anos, esteve à frente das *maisons* Givenchy e Dior, período em que vestiu algumas das figuras mais influentes e admiradas do mundo. Reconhecido como um dos criadores mais bem-sucedidos das décadas de 1990 e 2000, transformou desfiles em espetáculos. Esse percurso, no entanto, foi interrompido de forma chocante quando ele foi flagrado em Paris proferindo insultos antissemitas do lado de fora do Café La Perle em 2011. As imagens, registradas por uma câmera amadora, circularam rapidamente e expuseram um comportamento que chocou a sociedade. Durante o processo judicial, o estilista admitiu as declarações ofensivas, embora tenha afirmado não se lembrar dos episódios e negado qualquer postura racista. O tribunal ouviu as ofensas, incluindo comentários racistas e a afirmação de que é admirador de Adolf Hitler, ditador da Alemanha Nazista, responsável pela morte de aproximadamente 6 milhões de judeus. Galliano atribuiu os incidentes ao colapso provocado por anos de pressão profissional combinados com dependência de álcool, drogas e medicamentos. Demitido imediatamente da Dior, ele viu sua reputação ruir. Após o julgamento, Galliano afirmou ter buscado tratamento. A volta por cima se deu em 2014, quando passou a trabalhar para a Maison Margiela, no entanto, decidiu encerrar a parceria em 2024. Seu futuro ainda é incerto.

IMAGENS GETTY IMAGES

CHANEL SOB OS HOLOFOTES

ESTILISTA FRANCESA LEVOU SUA VISÃO DE ELEGÂNCIA FUNCIONAL PARA O CINEMA E AJUDOU A MOLDAR A IMAGEM DE ATRIZES QUE ATRAVESSARAM GERAÇÕES

A atriz Katharine Hepburn como Chanel em musical da Broadway, *Coco*, em dezembro de 1969

IMAGENS GETTY IMAGES

Ao longo do século XX, o cinema encontrou em Coco Chanel uma aliada importante para redefinir a relação entre figurino, imagem e modernidade. Gabrielle circulava com naturalidade entre artistas, intelectuais e criadores, o que a colocou em contato com atrizes, diretores e produtores. Essa proximidade permitiu que sua visão ultrapassasse o universo da moda e alcançasse a tela.

Em meio à crise provocada pela quebra da Bolsa de 1929, Hollywood precisava recuperar o encanto e reacender o imaginário do público. "Um setor que vive da imagem não deixaria de se beneficiar daquele conceito chique que a estilista francesa estava propondo para mulheres no seu dia a dia e que poderia muito bem vestir também as grandes estrelas da época, transformando-as em musas fashion. Afinal, os cortes retos e sem ostentação dos seus trajes faziam um contraponto elegante ao estilo muitas vezes exagerado e chamativo dos figurinistas dos estúdios de cinema", explica Laura Wie, especialista em história da moda, no especial *Aventuras Narradas*.

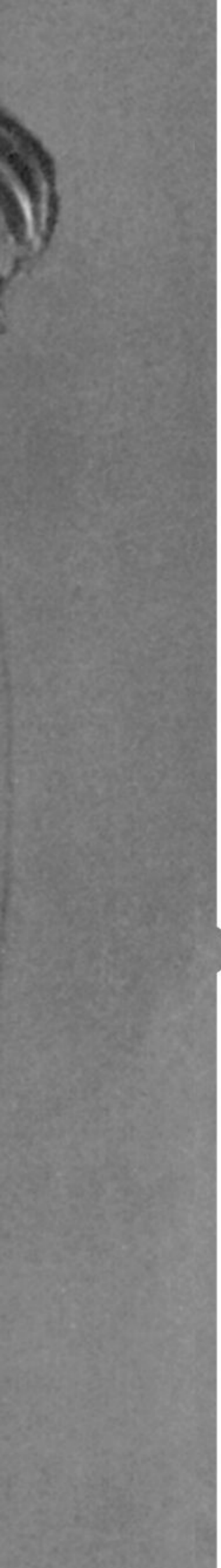
Sua chegada aos Estados Unidos, em 1931, cercada de expectativa, foi tratada como um acontecimento histórico pela imprensa. Ao desembarcar nas Terras do Tio Sam, a estilista estava acompanhada por assistentes, modelos e uma impressionante quantidade de bagagens. Levava consigo dezenas de malas e baús que condensavam sua visão estética: a precisão do terninho feminino, a harmonia dos conjuntos de blusa com casaquinho, os então inovadores *twinsets* e a força do preto essencial, destaca Laura. Sua chegada não passou despercebida. Recebida por Greta Garbo, a estilista transformou o desembarque em acontecimento midiático, a ponto de a imprensa anunciar o encontro como se fosse o cruzamento de duas soberanas, símbolo do impacto cultural que Chanel já exercia antes mesmo de pisar nos estúdios de cinema. A convivência de Chanel com o cinema ultrapassou o figurino e se traduziu em relações pessoais e intelectuais que marcaram a produção cultural do período. "Marlene Dietrich se tornou sua amiga. Gloria Swanson se apoderou dos *tailleurs* dentro e fora das telas. (...) Chanel trouxe seu olhar prático para os *sets* de filmagem, contribuindo com cineastas como François Truffaut. Os grandes nomes do cinema, Jean Renoir e Luchino Visconti, se conheceram por intermédio da estilista", enfatiza Wie.

Outras grandes figuras do cinema também aderiram ao universo criado por Chanel, entre elas Elizabeth Taylor, Brigitte Bardot e Jane Fonda, que incorporaram a marca tanto na vida pública quanto em suas aparições artísticas. No centro desse espetáculo estava Marilyn Monroe, cuja menção à estilista ultrapassou o vestuário e se materializou em um dos símbolos mais duradouros do século XX: o perfume Chanel nº 5, eternizado pela atriz ao afirmar que era a única "roupa" que usava ao dormir.

A influência de Chanel alcançou tamanha dimensão que sua própria trajetória passou a inspirar narrativas. Em 1969, sua figura deixou o universo da moda para se tornar personagem no palco, quando um musical estreou na Broadway tendo Katharine Hepburn no papel principal. Além disso, sua vida foi dramatizada no filme *Coco Chanel* (2008), com Shirley MacLaine, e em *Coco Antes de Chanel* (2009), estrelado por Audrey Tautou.

AS *mulheres* QUE REDEFINIRAM A HISTÓRIA DA MODA

ESTILISTAS QUE FIZERAM DA CRIAÇÃO UM GESTO DE ENFRENTAMENTO, AFIRMAÇÃO E INOVAÇÃO



Falar de moda é, inevitavelmente, falar de Gabrielle Chanel. Sua trajetória não apenas redefiniu silhuetas, tecidos e códigos estéticos, como também inaugurou forma de pensar o vestir feminino, menos subordinada às convenções sociais e mais conectada à autonomia das mulheres. Este especial parte de Chanel porque sua obra funciona como um marco de ruptura, um ponto de virada a partir do qual a moda deixa de ser apenas ornamento e passa a expressar atitude, identidade e liberdade. No entanto, toda revolução raramente acontece de forma isolada. Outras mulheres também desafiaram padrões e reinterpretaram tradições. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para ampliar o repertório criativo e simbólico do vestir, deixando marcas que atravessaram décadas e continuam a influenciar o presente. Essas mulheres nem sempre compartilharam a mesma estética, origem ou contexto histórico, mas estiveram unidas por um impulso comum: questionar o que se esperava delas. Ao romper com limites impostos pelo mercado, pela sociedade ou pelo próprio corpo feminino idealizado, elas ajudaram a transformar a moda em um campo de expressão cultural, política e social. Ao olhar para além de Chanel, você entenderá que a história da moda é construída por múltiplas vozes femininas, cujas contribuições se entrelaçam e se complementam e se tensionam.
Ao revisitá-las, não apenas celebramos o passado, mas compreendemos melhor as bases sobre as quais a moda contemporânea foi erguida.

Elsa Schiaparelli
1890-1973

Muito além das comparações fáceis que a colocaram como antagonista de Gabrielle Chanel, a francesa Elsa Schiaparelli construiu uma trajetória singular ao transformar a moda em um campo de experimentação intelectual e artística. Sua obra nasceu do inconformismo, da recusa em aceitar limites estéticos e da coragem de misturar referências consideradas improváveis, aproximando o vestuário do universo das artes plásticas e do pensamento surrealista. Tomada por uma imaginação ousada, seu trabalho rompeu com a sobriedade vigente nas roupas ao apostar em cores vibrantes, volumes inesperados e símbolos carregados de significado, ou seja, o oposto de Chanel. Ela, inclusive, é a criadora do rosa-choque. Mesmo tendo iniciado sua carreira tardiamente, encontrou na moda um campo fértil para traduzir sua formação cultural, seu espírito provocador e sua vivência cosmopolita. Ao colaborar com artistas como Salvador Dalí e desafiar convenções sociais e criativas, Schiaparelli mostrou que vestir podia ser um gesto narrativo, quase performático, capaz de provocar, inquietar e encantar.

Ann Lowe
1898-1981

A estadunidense Ann Lowe construiu uma trajetória marcada por excelência e sensibilidade estética. Formada no saber transmitido por gerações de mulheres negras costureiras, ela desenvolveu desde cedo um domínio refinado da alta-costura, reconhecível por bordados delicados e aplicações florais minuciosamente feitas à mão. Ao migrar por diferentes cidades em um país ainda profundamente segregado, Lowe levou consigo não apenas talento, mas também a determinação de ocupar espaços historicamente negados. Seu trabalho conquistou a elite americana, vestindo debutantes, noivas e figuras centrais da alta sociedade, mesmo quando seu nome permanecia à margem do reconhecimento público. Talentosa, ela é a estilista por trás do elegante vestido de casamento utilizado pela então primeira-dama dos Estados Unidos Jacqueline Kennedy e também vestiu a atriz britânica Olivia de Havilland.

Zuzu Angel
1921-1976

Mais do que uma estilista inovadora, Zuzu Angel construiu uma trajetória em que criação e resistência caminharam juntas. Ao valorizar tecidos, cores e símbolos ligados à cultura popular brasileira, ela ajudou a romper com a dependência estética europeia e afirmou uma moda com identidade própria, profundamente conectada ao país. No entanto, sua atuação ultrapassou o campo do design quando a violência do regime militar atingiu diretamente sua vida pessoal. A partir da morte de seu filho, Zuzu transformou o ato de vestir em denúncia, usando o consulado brasileiro de Nova York para expor a vergonha da ditadura. A coleção-denúncia foi marcada pela indignação e memória, evidenciando que a moda também deve ser instrumento político. Ao expor injustiças diante do olhar estrangeiro, ela desafiou o silêncio imposto pela ditadura.

IMAGENS GETTY IMAGES

Mary Quant

1930-2023

Associada à energia transformadora dos anos 1960, a britânica Mary Quant foi uma das figuras centrais por trás da moda voltada para a juventude e para a autonomia feminina. Suas criações dialogavam com o desejo de movimento, liberdade e experimentação que tomava conta das ruas de Londres, rompendo com padrões rígidos de elegância da sociedade da época. Ao encurtar barras e apostar em cores intensas, Quant traduziu no vestuário um novo comportamento social. Ela, inclusive, entrou para a história como a 'mãe da minissaia'. Suas peças não buscavam apenas estética, mas funcionalidade e conforto para mulheres que reivindicavam mais espaço e independência. Inserida no contexto do chamado Swinging Sixties, sua moda acompanhou transformações culturais profundas, como a revolução sexual e o fortalecimento dos movimentos juvenis. Mais do que definir tendências, Mary Quant ajudou a consolidar o vestir como expressão de liberdade, irreverência e mudança social.

Vivienne Westwood

1941-2022

Ícone da irreverência e do engajamento político na moda, a britânica Vivienne Westwood construiu uma carreira marcada pela provocação. Suas camisetas com slogans e silhuetas pouco convencionais funcionavam como manifestações visuais contra tudo o que era considerado estabelecido. Antes, Westwood teve uma trajetória distante das passarelas, atuando como professora primária, experiência que contribuiu para sua visão crítica e politizada do mundo. A abertura da loja Let It Rock, na King's Road, marcou o início de um espaço criativo que rapidamente se transformaria em ponto de encontro da contracultura londrina. A aproximação com o universo punk ampliou o alcance de sua estética, especialmente quando bandas emergentes passaram a vestir suas criações. Mesmo com o reconhecimento que viria mais tarde, Westwood nunca abandonou o ativismo, levando causas como a crise climática para o centro de seus desfiles.

PARA QUEM DESEJA **APROFUNDAR O OLHAR SOBRE COCO CHANEL**, LIVROS, FILMES E SÉRIES OFERECEM LEITURAS COMPLEMENTARES SOBRE SUA **TRAJETÓRIA**, **AMORES** E **CONTRADIÇÕES**. BIOGRAFIAS CONVIVEM COM **PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS** QUE EXPLORAM TANTO O MITO QUANTO OS BASTIDORES.

TÍTULO: *Sleeping with the Enemy: Coco Chanel's Secret War*
AUTOR: Hal Vaughan
EDITORA: Vintage Books
DATA: 2011
NÚMERO DE PÁGINAS: 313

No livro *Sleeping with the Enemy: Coco Chanel's Secret War*, o historiador Hal Vaughan propõe uma revisão profunda de um dos períodos mais obscuros da vida de Gabrielle Chanel. A obra se debruça sobre os anos compreendidos entre 1941 e 1954, intervalo que, por décadas, permaneceu envolto em silêncio, especulações e hoje divide opiniões. Vaughan parte de documentos de arquivos, relatórios de inteligência e depoimentos para reconstruir a atuação de Chanel durante a ocupação alemã em Paris. O livro apresenta uma narrativa que contrasta drasticamente com a imagem consagrada da criadora como símbolo de modernidade e independência feminina. Segundo o autor, enquanto sua casa de moda estava fechada e Paris vivia sob domínio nazista, Chanel manteve uma relação íntima e estratégica com o barão Hans Günther von Dincklage, agente central da inteligência alemã. A ligação entre ambos não teria sido apenas amorosa, mas também operacional, inserindo a estilista em redes de espionagem ligadas diretamente ao alto comando do regime. Vaughan detalha como Chanel teria atuado, incluindo contatos diplomáticos e tentativa de mediação política. A narrativa mostra como essas conexões lhe garantiram proteção durante a guerra e explicariam, em parte, a ausência de consequências legais severas no pós-libertação. Um dos pontos centrais do livro é a análise de como Chanel conseguiu reconstruir sua carreira mesmo sob suspeitas. Aos 70 anos, ela reabriu a *maison* e retomou seu lugar de destaque no cenário da moda internacional, demonstrando uma capacidade singular de reinvenção. Vaughan sugere que esse retorno não pode ser compreendido sem considerar as redes de poder e proteção que a cercaram. Longe de ser uma biografia convencional, *Sleeping with the Enemy* se impõe como uma investigação histórica que confronta o mito com documentos. Ao mergulhar nos "anos ocultos" de Chanel, o livro convida o leitor a refletir sobre as ambiguidades que cercam aquela que se tornou a estilista mais conhecida da História.

TÍTULO: *Coco Chanel: Unbuttoned*
AUTOR: Hannah Berryman
DATA: 2023
DURAÇÃO: 96 minutos
DISPONÍVEL EM: Universal+

A série documental *Coco Chanel: Unbuttoned*, apresente ao público um retrato amplo e direto de Coco Chanel. Além de resgatar sua trajetória marcante, a obra percorre a construção de uma estética que atravessou o século XX e permanece atual. O vestidinho preto, o *tailleur* de *tweed* e o perfume Chanel nº 5 aparecem não apenas como criações icônicas, mas como documentos históricos.

TÍTULO: *Coco Antes de Chanel*
AUTOR: Anne Fontaine
DATA: 2009
DURAÇÃO: 1h50m
DISPONÍVEL EM: Prime Video

Coco Antes de Chanel revisita os anos formativos de Coco Chanel antes de ela se tornar um ícone da moda. O filme acompanha uma juventude marcada por origem humilde e pela experiência como cantora de cabaré. A narrativa destaca a construção gradual de um estilo próprio, distante dos excessos da época. O foco está no nascimento de uma criadora que começava a romper regras e a reinventar o vestir feminino.

TÍTULO: *The New Look*
AUTOR: Todd A. Kessler
DATA: 2024
DISPONÍVEL EM: AppleTV

Ambientada na Paris ocupada pela Alemanha nazista, a série *The New Look* acompanha o enfraquecimento da influência de Coco Chanel em meio às consequências de suas escolhas durante a guerra. Em paralelo, surge a trajetória de ascensão de Christian Dior. Inspirada em fatos, a série mostra como Paris voltou a irradiar esperança e criatividade após o conflito.

+++

Escaneie o wwQR Code para ouvir a série de episódios

Para relembrar a **trajetória da estilista**, a **Aventuras na História** lançou, em 2021, o **podcast Aventuras Narradas**, com roteiro e apresentação da **especialista em História da vestimenta, Laura Wie**. O projeto, dividido em especiais, resgatou grandes momentos que marcaram a saga de Chanel e dão vida ao projeto Moda com História, criado por Wie.

IMAGENS DIVULGAÇÃO

TRAJE MANCHADO DE SANGUE

O TRAJE FAMOSO DE JACKIE KENNEDY CARREGA UM MITO SOBRE SUA ORIGEM

POR THIAGO LINCOLINS

O *tailleur* rosa usado por Jackie Kennedy no dia do assassinato de seu marido permanece como uma das imagens mais marcantes da história americana. O conjunto de duas peças de lã estava no corpo da então primeira-dama quando o presidente John F. Kennedy foi morto a tiros durante um desfile em carro aberto, em Dallas, em 22 de novembro de 1963. Desde então, a roupa deixou de ser apenas vestuário para se transformar em símbolo, memória e documento histórico. O traje acompanhou Jackie em um dos momentos mais solenes e traumáticos da política dos Estados Unidos. Mesmo diante do choque e da violência do ocorrido, ela recusou-se a tirar a roupa, que tinha gotas de sangue do marido morto a sangue-frio. A decisão não foi casual. Segundo o historiador Steve Gillon, tratava-se de um gesto consciente, pensado para comunicar à nação a gravidade do que havia acontecido. "Ela entendeu que tinha um papel a desempenhar para ajudar a nação na transição para um novo presidente", disse ele à Revista *People*.

Jackie permaneceu com o conjunto desde o momento do atentado, por volta das 12h30, até a manhã seguinte, inclusive durante a cerimônia de posse de Johnson. Em seu diário, Lady Bird Johnson, esposa de Lyndon B. Johnson, registrou que se ofereceu para ajudá-la a se trocar, mas recebeu uma recusa firme. Jackie teria dito que queria que todos vissem o que haviam feito com o presidente.

Com o passar dos anos, o *tailleur* rosa passou a ser associado quase automaticamente à Chanel, alimentando a ideia de que a *maison* francesa teria sido responsável direta pela criação da peça. No entanto, essa associação, embora compreensível, não é inteiramente correta. O modelo apresentado guarda semelhança com criações da coleção de 1961 da marca, mas o conjunto usado por Jackie naquele dia não saiu dos ateliês parisienses da grife.

Na realidade, o tailleur foi confeccionado em Nova York pela Chez Ninon, uma loja especializada em produzir cópias autorizadas de modelos franceses para o mercado americano. De acordo com a biografia de Chanel escrita por Justine Picardie, a própria *maison* aprovava esse processo. A loja recebia diretamente de Paris os tecidos e botões originais, garantindo fidelidade à qualidade do modelo, mas a execução final era feita nos Estados Unidos. "As peças não eram falsificadas nem pirateadas, mas feitas sob encomenda com materiais fornecidos pela Chanel em Paris", documentou Picardie em *Chanel, Her Life*. Mais de seis décadas depois, o *tailleur* rosa permanece como testemunho silencioso de um dos dias mais sombrios do século XX.

IMAGENS GETTY IMAGES

PERFIL

AVENTURAS NA HISTÓRIA ESPECIAL

55 ANOS SEM COCO CHANEL

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.COM.BR